

# Narrativas dos editores e colaboradoras da Revista Brasileira de Ensino de Física

The narratives of the editors and collaborators of the Revista Brasileira de Ensino de Física

Adriana Gomes Dickman<sup>\*1</sup>, Cristina Leite<sup>2</sup>, Yassuko Hosoume<sup>2</sup>,  
Eugenio Maria de França Ramos<sup>3</sup>, Arnaldo M. Vaz<sup>4</sup>,  
Simoni Tormohlen Gehlen<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade de São Paulo, Instituto de Física, São Paulo, SP, Brasil.

<sup>3</sup>Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, Brasil.

<sup>4</sup>Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

<sup>5</sup>Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, Brasil.

Recebido em 30 de novembro de 2024. Revisado em 07 de março de 2025. Aceito em 01 de abril de 2025.

A Revista Brasileira de Ensino de Física (RBEF) celebra seus 45 anos de existência como um ícone na área de Ensino de Física no Brasil. Este estudo apresenta, a partir de entrevistas com editores e colaboradoras, um panorama de contribuições e desafios enfrentados pelas editoriais da RBEF ao longo dessas décadas. A pesquisa se baseia nos pressupostos das pesquisas qualitativas, tendo como dados primários relatos de história oral e, quando necessários, documentos bibliográficos da própria publicação. Ao explorar aspectos apresentados nas narrativas dos editores, analisamos a trajetória da revista, suas mudanças e seu papel no campo da educação científica. Os dados permitiram analisar tensões e concordâncias entre as áreas Ensino de Física e Física, constatar aspectos como a baixa participação de pesquisadores como pareceristas, preocupações com trabalhos submetidos de baixa qualidade e perspectivas futuras para a revista. A RBEF, pela sua história e prestígio conquistado junto à comunidade acadêmica, se tornou uma das principais referências dedicada ao Ensino de Física no Brasil. O estudo permitiu colocar em foco a dedicação e o esforço de cada editor, revelados em propostas, organização de equipes de trabalho, organização editorial da publicação, busca de financiamento e relação com a direção da SBF.

**Palavras-chave:** História do Ensino de Física, Memória da RBEF, Editores, Revista Brasileira de Ensino de Física, Pesquisa em Ensino de Física.

The Brazilian Journal of Physics Education (RBEF) is celebrating its 45th anniversary as an icon in the field of physics education in Brazil. Based on interviews with editors and contributors, this study presents an overview of the contributions and challenges faced by RBEF's editorial offices over the decades. The research is based on the assumptions of qualitative research, using oral history reports as primary data and, when necessary, bibliographic documents from the publication itself. By exploring aspects presented in the editors' narratives, we analyzed the journal's trajectory, its changes and its role in the field of science education. The data allowed us to analyze tensions and agreements between the physics education and physics area, to identify aspects such as the low participation of researchers as referees, concerns about low quality submissions, and future prospects for the journal. Due to its history and prestige in the academic community, the RBEF has become one of the main references dedicated to physics education in Brazil. The study made it possible to focus on the dedication and effort of each editor, aspects revealed in proposals, the organization of work teams, the editorial organization of the publication, the search for funding and the relationship with the SBF board.

**Keywords:** History of Physics Education, RBEF's Memory, Editors, Brazilian Journal of Physics Education, Research in Physics Education.

## 1. Introdução

A Revista Brasileira de Ensino de Física (RBEF) é uma publicação emblemática no cenário da educação científica no Brasil. Fundada em 1979, inicialmente denominada REF (Revista de Ensino de Física) e

posteriormente RBEF (Revista Brasileira de Ensino de Física), tem desempenhado um papel crucial na disseminação de conhecimento, promoção de debates e desenvolvimento de propostas didáticas no ensino de Física. Ao longo de seus 45 anos de história, a revista experimentou transformações, refletindo mudanças e avanços na área de Ensino de Física.

Na sua criação, a RBEF tinha o objetivo de se tornar um ponto de encontro de discussões, avaliações

\*Endereço de correspondência: [adrianadickman@gmail.com](mailto:adrianadickman@gmail.com)

Editor-Chefe: Marcello Ferreira 

e reflexões para a comunidade de ensino de Física no Brasil. Editores dedicados, cada um com sua visão e abordagem, contribuíram de diferentes maneiras, para moldar a revista, enfrentando desafios técnicos, financeiros e institucionais. O compromisso com a qualidade e a relevância dos artigos publicados sempre foi uma prioridade, resultando em uma publicação respeitada tanto nacional quanto internacionalmente.

Este artigo apresenta um estudo de relatos de seus editores e colaboradoras, que compartilharam suas experiências, desafios e visões para o futuro da revista, que oferece uma retrospectiva da RBEF através dos tempos de sua existência.

Utilizando a metodologia de história oral, coletamos narrativas ricas, detalhadas e diversificadas que revelam perspectivas sobre o impacto e a importância da RBEF no contexto educacional brasileiro. Assim, por meio das entrevistas, exploramos não apenas a evolução da revista, mas também os contextos históricos, políticos e educacionais que influenciaram algumas de suas direções e prioridades ao longo das décadas.

Os relatos de cada editor, sobre aspectos relevantes de sua participação na RBEF e de suas justificativas, desvelam diferentes compreensões sobre o Ensino e a Pesquisa em Ensino de Física, como aspectos sobre a história da educação brasileira, em particular da disciplina Física.

O objetivo deste trabalho é revisitar os 45 anos da RBEF, destacando suas contribuições para o ensino de Física no Brasil, bem como desafios enfrentados e superados, e os que ainda prevalecem.

Rever a trajetória da revista sob o olhar dos editores pode colaborar com a compreensão desse importante veículo de disseminação de conhecimento e fornecer elementos para mudanças e perspectivas futuras.

## 2. Metodologia

Com o intuito de preservar as opiniões e sentidos a elas atribuídos pelos narradores, utilizamos a metodologia de história oral, que consiste no registro das memórias narradas de um indivíduo por meio da técnica de entrevista, como destacado por Santhiago e Magalhães: “A vida e a memória das pessoas são objetos dinâmicos, e por meio da entrevista se torna possível congelar algumas de suas expressões, conferindo-lhes estabilidade e fisicalidade” [1]. Assim, a análise de temas específicos das entrevistas desvela o lado pessoal da sua vivência como, também, o pertencimento a um coletivo.

Para focarmos na utilização da vertente temática de história oral, optamos por pautar o diálogo a partir de um roteiro semiestruturado, com questões que pudessem ser representadas a todos os entrevistados, no desenvolvimento do encontro. Tal roteiro buscou orientar a narrativa para tópicos relacionados ao tema estudado, no caso a perspectiva pessoal sobre a experiência de cada

editor, seja editor-chefe ou associado, durante o tempo em que se dedicou à RBEF.

Para Meihy [2, p. 145] “[...] a história oral temática é a que mais se aproxima de soluções comuns e tradicionais de apresentação de trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico”. Para Meihy e Holanda [3, p. 35], “No caso da história oral temática, contudo, a existência de um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto, recorta e conduz a possíveis maiores objetividades”.

Ao ouvir os editores narrarem sobre sua experiência obtivemos uma visão subjetiva, sua interpretação sobre os fatos, revelando uma escala de valores e significados, pois nas palavras de Brioschi e Trigo [4, p. 47] “o material obtido será o fato ou o acontecimento em sua apresentação subjetiva, os eventos vistos sob o prisma e o crivo perceptivo do narrador. E, assim, definitivamente vinculado a ele – indivíduo e sujeito social”.

No âmbito de nosso estudo, a utilização de história oral pretendeu obter reflexões sobre o papel desempenhado pelos editores, traduzidas “em sentimentos, opiniões, emoções, preocupações e expectativas” [1], bem como sua percepção sobre desafios e conquistas.

Nas entrevistas, exploramos a memória dos editores e colaboradoras que aceitaram participar da pesquisa, em busca de elementos que poderiam traduzir a sua vivência como editor da RBEF em palavras, gestos e expressões, gerando narrativas que mostrem indícios que possam aferir ou não as escolhas feitas na condução da revista.

O roteiro semi-estruturado que serviu de base para as entrevistas, em linhas gerais, solicitava que o editor contasse um pouco da sua história com a RBEF (por exemplo, como se tornou editor, os objetivos da revista, o período em que colaborou, o seu papel como editor ou colaborador e outros aspectos que julgasse pertinente), as principais atividades executadas para a publicação das edições da revista (o processo de produção, a escolha dos artigos, a escolha das capas etc.), os aspectos positivos e negativos (se houver) da sua participação como editor ou colaborador, se continuou seguindo as publicações da RBEF e no final se teria uma mensagem para a comunidade envolvida com a revista (autores e/ou leitores).

Após a obtenção dos depoimentos em forma de entrevista, as gravações foram transcritas, tornando-se assim a base para nossa pesquisa, mesmo considerando limitações inerentes ao processo de transformação de um depoimento oral para um texto, como possível interferência do transcritor da entrevista ou as dificuldades em registrar expressões e emoções no documento escrito [5].

Mesmo com tais limitações, salientamos as potencialidades metodológicas da História Oral como instrumento de pesquisa, pois permite, como indicado por Delgado [5, p. 19]:

[...] revelar novos campos e temas para pesquisa; apresentar novas hipóteses e versões sobre processos já analisados e conhecidos;

possibilitar a construção de evidências via entrecruzamento de depoimentos; recuperar informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em outros tipos de documento.

### 2.1. Realização das entrevistas

Cada período da RBEF foi demarcado pelo trabalho dos diferentes editores, que implicaram em decisões como escolhas importantes de informações a serem publicadas, formato da publicação, processo de avaliação dos artigos e obtenção de recursos para seu financiamento. Nos 45 anos da Revista Brasileira de Ensino Física (RBEF), seis professores e pesquisadores exerceram o papel fundamental de editor da revista, cada um com sua equipe editorial.

Todos os editores foram convidados a conceder uma entrevista com duração de 1 a 2 horas. Nosso pedido foi atendido por cinco editores (os professores João Zanetic, Vanderlei Bagnato, Nelson Studart, Silvio Dahmen, Sílvio Salinas), sendo que o prof. Marco Antonio Moreira preferiu não ser entrevistado.

Optamos por ampliar o escopo das entrevistas, convidando professoras que participaram efetivamente do processo de organização e produção da revista, e que aceitaram serem entrevistadas: a profa. Vera Lúcia Lemos Soares (colaboradora da equipe do prof. João Zanetic) e a profa. Fernanda Ostermann (editora associada da equipe do prof. Silvio Dahmen).

As entrevistas individuais foram conduzidas pelos autores, responsáveis pela organização desta edição comemorativa de 45 anos da RBEF, em diferentes encontros, em que, apesar de separados geograficamente, conseguimos nos reunir, por meio da Rede Internet, com o auxílio do aplicativo *GoogleMeet*. Em tais oportunidades registramos palavras e opiniões dos entrevistados, bem como sua imagem, por meio de gravação digital.

Em todas as entrevistas seguimos as questões do roteiro semi-estruturado para nos orientar na condução das conversas. Entretanto, nas entrevistas, com a curiosidade aguçada pela conversa, aproveitamos a oportunidade ampliando questões, procurando esclarecimentos a situações que surgiram no calor do momento. Assim, no âmbito das possibilidades metodológicas da História Oral, cada uma das conversas se tornou bastante peculiar e particular a cada entrevistado(a).

No desenvolvimento da entrevista em si, embora todos os entrevistadores e entrevistado(a) partilhassem as imagens na sala virtual, a condução da conversa ocorreu sempre com um dos autores apresentando as perguntas, sendo que o grupo de entrevistadores manteve uma conversa particular (de bastidores) em um grupo de *WhatsApp*, com sugestões de complementos e possibilidades de esclarecimentos a serem formulados pela entrevistadora/entrevistador principal.

Feitas as gravações<sup>1</sup>, o trabalho de seleção de trechos das entrevistas compreendeu outra etapa muito mais desafiadora, com diferentes tentativas de tratamento daquelas conversas para transformá-las no texto que ora apresentamos.

Em uma primeira fase de tratamento de dados, as narrativas foram inicialmente transcritas por processo automatizado utilizando o software *Descript*. Em etapa seguinte todo o texto foi conferido e corrigido com mais precisão, com a ajuda de diferentes colaboradoras<sup>2</sup> que contribuíram para este processo de transformação dos diálogos em textos.

O material completo de cada entrevista transcrita, com extensão de 40 a 50 páginas, bem como a íntegra das gravações, estão preservados na forma de arquivos digitais, como dados históricos da memória da RBEF. Os textos foram reduzidos de 40 a 50 páginas para 10 páginas, enviados para os entrevistados e, assim, aprovados para publicação e utilização na pesquisa. Nesta redução foram extraídos apenas os excertos diretamente relacionados à participação de cada editor na RBEF, algumas vezes efetuando cortes e junções de parágrafos sobre um mesmo tema. Assim, os textos foram examinados identificando os conteúdos para definição das categorias de análise para a elaboração deste artigo.

Nossa análise oferece um panorama complexo, com rupturas e continuidades entre aspectos das editorias, em que se evidenciam motivações, decisões, sucessos, problemas e, principalmente, o registro histórico da trajetória da RBEF sob o ponto de vista de seus editores, desde sua criação até uma publicação acadêmica consolidada e reconhecida.

## 3. Análise das Narrativas

Da leitura cuidadosa dos relatos foram definidas três dimensões de análise em função dos conteúdos presentes [6], descritas a seguir:

- **Editores, colaboradores e suas trajetórias:** destacamos os trechos relativos aos editores nos períodos em que permaneceram na função, como a equipe de colaboradores, os processos, razões e posturas que conduziram no exercício como editores da RBEF.
- **A Revista Brasileira de Ensino de Física (RBEF):** focalizamos os trechos que tratam a revista, desvelando características, objetivos traçados e realizados em cada período das diferentes gestões. São analisadas as seções que compõem cada uma das edições ao longo da sua existência, evidenciando-se conteúdos que julgaram mais importantes ao longo da história da revista. Apresentamos também discussões sobre as atividades

<sup>1</sup> As gravações foram feitas por Eugenio Maria de França Ramos; Giovanni Luís Correr; Diego Vieira da Silva.

<sup>2</sup> Participaram deste processo: Aline Abreu Gomes; Adriana Gomes Dickman; Gaia Mendonça Moreira.

dos bastidores, reunindo trechos em que são relatadas formas de edição da revista, a natureza dos artigos publicados, inovações ocorridas no processo de publicação e a visão de cada editor sobre a importância da revista.

- **Desafios e Perspectivas para o futuro:** apresentamos trechos que indicam parcerias e tensões entre as áreas de Física e Ensino de Física, a continuidade e/ou perspectivas de mudanças no processo de produção, seja no âmbito de sua confecção, financiamento, a editoria, e do processo de avaliação.

Optamos por oferecer trechos dos depoimentos, tornando as referências mais fidedignas à metodologia de história oral, acrescentando a tais trechos comentários analíticos ou, quando necessários, esclarecimentos.

### 3.1. Editores, colaboradores e suas trajetórias

Cada um dos entrevistados teve um envolvimento diferente com a RBEF, marcados pelo contexto de cada época e projetos de inovação ou melhoria. O editor principal – o editor-chefe – em geral, conta com uma equipe editorial para ajudar na condução da revista, com atuações variadas em cada período, auxiliando na escolha de pareceristas conforme a sua área de atuação. Essa colaboração se dá em maior ou menor grau, segundo as orientações do editor-chefe.

Apresentamos a seguir aspectos que marcaram a história de cada um, de acordo com sua narrativa.

#### 3.1.1. Período: 1979 a 1988 – João Zanetic e Vera Soares: como tudo começou

João Zanetic foi o primeiro editor da hoje conhecida como Revista Brasileira de Ensino de Física (RBEF), atuando nos primeiros 10 anos de sua publicação (1979–1988), chamada na época de Revista de Ensino de Física (REF). Em sua narrativa, ele relembra o processo de criação e os desafios enfrentados nos primeiros anos da sua publicação, destacando o papel crucial da revista no Ensino de Física no Brasil na época.

Segundo João Zanetic, tudo começou em 1978, durante a 30ª reunião anual da Sociedade Brasileira de Física (SBF) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) na Universidade de São Paulo:

*“Nós tivemos um encontro para discutir a situação de ensino de Física no país... depois de muita discussão, surgiu a ideia de termos uma revista.”*

[João Zanetic]<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Optamos por sempre que possível destacar os trechos dos depoimentos, em parágrafos próprios, com formatação diferente das citações, com margem esquerda de 3 cm e letras em itálico, indicando claramente o nome do entrevistado.

Segundo Zanetic, a proposta foi bem recebida e grupos de professores e pesquisadores de várias regiões do país começaram a preparar o que seria o “*número zero*” da revista, que resultou no embrião da REF.

O “*número zero*” foi submetido e aprovado no Conselho da SBF, dando origem ao volume 1, número 1, lançado em janeiro de 1979. Este lançamento ocorreu durante o 4º Simpósio Nacional de Ensino de Física (SNEF) na PUC do Rio de Janeiro. João Zanetic relembra com orgulho:

*“Então em janeiro 1979 veio à luz o primeiro número da Revista. Eu fui editor da Revista durante 10 anos, até 1988, que foi o volume 10 único [...] E... bom... assim nasceu a Revista.”*

[João Zanetic]

João Zanetic define a Revista para além da simples função de divulgar produções acadêmicas, mas um ponto de encontro da comunidade de Ensino de Física.

Vera Soares fez parte da equipe de edição da REF quando o editor-chefe era João Zanetic. Segundo ela, iniciaram juntos os trabalhos da revista, mas não soube precisar quando deixou a equipe, garantindo que não ficou até 1988. Em seu depoimento relata que a Revista de Ensino de Física (REF) foi lançada em uma iniciativa para registrar a produção de conhecimento, os debates e as reflexões que aconteciam nos SNEF's (Simpósio Nacional de Ensino de Física)<sup>4</sup> e no contexto universitário da época, referindo-se à reforma universitária. Segundo Vera Soares

*“o próprio artigo que eu escrevi naquele momento [7], estava neste contexto”.*

*“Se não me falha a memória, o terceiro encontro<sup>5</sup> aconteceu no próprio Instituto de Física [da USP] em São Paulo. Naquele momento a comunidade dos físicos estava muito voltada para fazer uma reflexão para o que tinha acontecido, o que estava acontecendo com as nossas universidades e, também, uma preocupação grande do que acontecia com o Ensino de Física.”*

[Vera Soares]

Vera Soares relembra que havia uma comunidade de professores de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, muito preocupados com a situação das universidades e do ensino. E menciona vários fatores para isso como: a cassação de professores, a reforma universitária com a implantação do ciclo básico, a imposição de uma licenciatura curta<sup>6</sup>, a derrota da proposta de reformulação da

<sup>4</sup> Antes do lançamento da revista em 1979 já haviam ocorrido três Simpósios Nacionais de Ensino de Física.

<sup>5</sup> O III Simpósio de Ensino de Física (1976) aconteceu na USP.

<sup>6</sup> Refere-se à resolução 30/1974. Um professor poderia se graduar na Licenciatura Curta em três anos e se especializar em Física, Matemática, Química ou Biologia com mais um ano de graduação.

universidade na USP, o envolvimento dos estudantes com a formação de professores. Ainda, em 1979, ela revive o momento:

*“nós estamos com uma universidade muito controlada, com a impossibilidade real de fazer uma reflexão crítica sobre a realidade. Nós estamos sob a vigilância da censura e do controle”.*

[Vera Soares]

Segundo ela foi neste contexto que João Zanetic, um dos docentes do Instituto de Física da USP, se dispôs a fazer a edição da revista, ser o editor-chefe, quando afirma:

*“Obviamente na hora de fazer a revista quem tinha as melhores condições de ideias e disponibilidade era o João [Zanetic], que também tinha um pensamento em relação à formação de professores. O João depois vai trabalhar muito com a formação da história da ciência, enfim, como isso deve aparecer no Ensino de Física.”*

[Vera Soares]

Nesta fase, João Zanetic narra que considera a Revista uma criação coletiva e que esta colaboração foi fundamental para a continuidade da publicação:

*“Junto comigo há pelo menos três colegas, na verdade, foram três mulheres que permaneceram editando a revista ao longo dos 20 números ... Era a Vera Lúcia Lemos Soares (a Verinha), a Sônia Salem (a Soninha), e a Maria Regina D. Kawamura (a Rê)”.*

[João Zanetic]

Zanetic qualificou esta colaboração das colegas de editoria, todas da USP e relacionadas a área de Ensino de Física, como fundamental para a continuidade da publicação, em vistas das adversidades do período de construção da revista em seus primeiros anos.

### 3.1.2. Período: 1989 a 1993 – Marco Antonio Moreira

Os dados referentes ao segundo editor da RBEF, Marco Antonio Moreira<sup>7</sup>, foram obtidos no primeiro e último editoriais, publicados, respectivamente, nas edições do volume 11 em dezembro de 1989, e no volume 15 de 1993. Em tais documentos encontramos como se deu o início de sua gestão como editor da REF em um trecho do seu primeiro editorial:

<sup>7</sup> Relembramos, como citado no início deste trabalho, que não obtivemos o depoimento de Marco Antonio Moreira, que preferiu não participar da entrevista.

[...] justamente por ter conseguido tornar a Revista uma realidade, o Prof. Zanetic considerou cumprida a missão a que se propôs e pediu para deixar o cargo de Editor [8].

Naquela oportunidade, a Sociedade Brasileira de Física indicou em julho de 1989 um novo editor para a REF, o professor Marco Antonio Moreira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Juntamente com Marco A. Moreira, com outra dinâmica de trabalho a que se referiu Zanetic para o período inicial, o corpo editorial foi constituído pelos professores pesquisadores da área de Ensino de Física representantes das regiões Sul e Sudeste do país: Bernardo Buchweitz (UFRGS), Arden Zylberstajn (UFSC) e Susana de Souza Barros (UFRJ).

### 3.1.3. Período: 1994 a 1999 – Vanderlei Salvador Bagnato

Vanderlei Bagnato passou a ser editor da RBEF na etapa seguinte, após a saída de Marco Antonio Moreira. De início o professor declara que sempre foi muito interessado em ensino e lembra que ajudou a organizar, como estudante de graduação, uma feira de ciências, e declara

*“eu sempre tive vontade de fazer difusão, de trabalhar em cima de difusão científica”*

[Vanderlei Bagnato]

Acrescenta que para ele a difusão científica tem duas fases: possibilitar que pessoas possam se descobrir como cientista, e de complementar a educação científica das pessoas, destacando a importância para a sociedade:

*“quando você tem um povo que aprecia ciência, fica muito mais fácil de o cientista adquirir relevância nessa sociedade”.*

[Vanderlei Bagnato]

Antes de ser editor da RBEF, Bagnato fez parte do corpo editorial do *Brazilian Journal of Physics*, que na época era a Revista Brasileira de Física, e relata o relacionamento de confiança junto a SBF

*“eu me dava muito bem com o pessoal da SBF e eu era uma das pessoas que gostava, inclusive de publicar na Revista Brasileira de Ensino de Física”.*

[Vanderlei Bagnato]

Consideramos esse aspecto naturalmente fundamental para a editoria de uma das revistas da SBF que está presente na escolha dos editores e no apoio às modificações ou implementações que conduzirão em suas gestões.

Sua aproximação com a área de Ensino de Física, segundo sua narrativa, foi participar de alguns encontros de Ensino de Física, e assim estava um pouco envolvido em ensino, por essa vertente.

Vanderlei Bagnato menciona que em um desses encontros houve uma reunião de ensino com um debate muito intenso, entre, na época, o atual editor [da RBEF] e alguns pesquisadores do Rio de Janeiro

*“onde se achava que a revista teria que ter um balanço maior entre a parte intrínseca do Ensino de Física e a parte Física mesmo. Então, depois desse debate alguém me convidou [para ser editor da RBEF], e eu falei ‘- pô, mas por que não, dar o apoio?’ Eu nunca tive nenhuma desavença com nenhuma comunidade”.*

[Vanderlei Bagnato]

Esse debate evidencia uma das tensões presente no trabalho da editoria, entre as áreas de Física e de Ensino de Física, que considerou possível equilibrar em sua tarefa na condução da RBEF:

*“Eu assumi com a proposta de valorizar um pouco mais a Física de fato. [Mas] Nós nunca deixamos de publicar nenhum artigo que veio e que foi adequadamente recomendado [... na] área de Educação, na área de metodologia. Acho que a revista cabia tudo.”*

[Vanderlei Bagnato]

Essa perspectiva também se evidencia em suas escolhas para assistentes, uma vez que Vanderlei Bagnato, ao assumir a revista, selecionou os professores da área de Física Francisco A. B. Coutinho (USP) e Fernando J. da Paixão Filho (UNICAMP), e Dietrich Schiel (USP – São Carlos) da área de Ensino de Física, para atuar como editores associados. Esses tinham como tarefa “cobrir um pouco o espectro de possibilidades”, ou seja, contribuir para o processo de avaliação de artigos que tinham temas variados.

### 3.1.4. Período: 2000 a 2009 – Nelson Studart Filho

Nelson Studart sempre esteve envolvido com a SBF, sendo sócio desde 1970, assinante da antiga Revista Brasileira de Física, dirigente no cargo de vice-presidente da SBF em 1987, permanecendo na diretoria por dois mandatos, e membro do Conselho da SBF de 1991 a 1995.

Foi nessa época que teve conhecimento

*“da questão da Revista Brasileira de Ensino de Física, que já tinha esse nome”.*

[Nelson Studart]

Pelo seu interesse em questões do ensino, acompanhava a situação da RBEF que na época tinha como um de seus problemas uma frequência de publicação irregular. Nelson Studart atribuía isso à pequena submissão de manuscritos, justamente por ser uma revista de pesquisa em Ensino de Física.

Além disso, a diretoria da SBF gostaria que a revista fosse mais atuante, alcançando professores do Ensino Médio, defendendo uma ampliação do escopo.

Assim, relata que no período da transição de editores – 1993–1994 –, havia uma tensão entre a editoria da revista e a diretoria da SBF que, segundo Studart, levou à saída de Marco Antonio Moreira como editor-chefe. O professor lamenta o episódio, afirmando que

*“deixou um vácuo muito importante, na participação, digamos assim, da comunidade de pesquisa em Ensino, nos destinos da revista”.*

[Nelson Studart]

Desta maneira, foi indicado um novo editor, Vanderlei Bagnato (UFSCAR), com um perfil diferente. Entretanto considera que a mudança não agradou à comunidade de Ensino de Física

*“Percebi, ainda, uma forte reação da comunidade de Ensino de Física contra a mudança do Moreira na editoria da RBEF.”*

[Nelson Studart]

Foi neste contexto de uma nova tensão que o professor Studart se ofereceu para ser editor-chefe da RBEF. Ninguém se opôs, ele trabalhou como editor associado por seis meses para que Vanderlei Bagnato pudesse ir transferindo as tarefas da editoria aos poucos.

Nelson Studart, ao assumir, convidou o professor José Pedro Rino (UFSCAR), da área de Física, para ser editor associado, que segundo sua narrativa:

*“ajudou realmente em várias ações, inclusive foi ele o editor convidado nesse número especial sobre Informática da Educação no Ensino de Física”.*

[Nelson Studart]

Em sua proposta editorial desvela-se que a RBEF seria mais voltada para o Ensino Superior, com muito enfoque na História da Física e seu ensino.

No final da sua gestão, Nelson Studart afirma:

*“Então, eu comecei a ver que eu não dava mais conta. O negócio ficou muito grande... e, ao mesmo tempo, eu devo dizer, que eu também tive algum sucesso, modéstia à parte, na criação da [Revista] Física na Escola”.*

[Nelson Studart]

### 3.1.5. Período: 2009 a 2012 – Silvio Renato Dahmen

Silvio Dahmen, antes de ser editor da RBEF, atuou como parecerista e contribuiu com muitos trabalhos, principalmente, na comemoração do centenário do *annus mirabilis* de Einstein, em 2005, pois, como declarou, sempre teve muito interesse em entender a história da Física e suas consequências na maneira como a Física é feita, para ele:

*“A História da Física foi, digamos assim, a minha porta de entrada na RBEF”.*

[*Silvio Dahmen*]

Relata que quando Nelson Studart decidiu deixar a revista, perguntou a Silvio Dahmen se ele gostaria de ser o próximo editor da RBEF. Ciente de sua formação em Física Teórica, Dahmen ficou em dúvida em relação às contribuições referentes à área de pesquisa em Ensino de Física. Em uma conversa com o Nelson Studart afirmou:

*“eu aceitaria, por acreditar que a revista tem um papel muito importante no nosso meio acadêmico, mas me sentiria mais à vontade se tivesse editores associados que me auxiliassem naquelas áreas que pouco conheço”.*

[*Silvio Dahmen*]

Silvio Dahmen ampliou o leque de apoio (Física e Ensino de Física) incluindo um especialista em História da Ciência, convidando como editores associados: Sandra Prado (UFRGS), Física teórica; Fernanda Ostermann (UFRGS) e Cláudio Cavalcante (UFRGS), pesquisadores na área de Ensino de Física; Olival Freire (UFBA), historiador da Ciência.

Neste contexto, Fernanda Ostermann (UFRGS) foi editora associada da RBEF entre 2010 e 2012, convidada por Silvio Dahmen. O relato da professora ajuda a compreender a situação de transição de editoria:

*“Mas, vejam que naquele momento que eu assumi, inclusive estava o Silvio Dahmen [editor], que foi uma indicação do Nelson Studart, que estava então passando a editoria chefe [da RBEF]”.*

[*Fernanda Ostermann*]

Fernanda Ostermann ressalta que, durante sua gestão como editora associada de Silvio Dahmen, buscou trazer maior presença do Ensino de Física para a revista,

*“Eu atuei um pouco nessa, digamos, preocupação de trazer mais a presença do Ensino de Física e da sua comunidade para a Revista”.*

[*Fernanda Ostermann*]

### 3.1.6. Período: 2013 a 2024 – Silvio Roberto Salinas

Silvio Salinas assumiu a editoria da RBEF em 2013, segundo ele

*“a minha relação com a Revista Brasileira de Ensino de Física é a minha relação com a Física do Brasil”.*

[*Silvio Salinas*]

Seu depoimento desvela que essa transição também expressou uma tensão, uma insatisfação quanto a periodicidade da publicação:

*“Assumi a editoria meio por acaso. Achei que com a minha experiência como editor do Brazilian Journal of Physics eu colocaria a revista em dia”.*

[*Silvio Salinas*]

Foi em uma reunião do Conselho da SBF que o professor se dispôs a assumir a edição da revista, como relata:

*“[...] surgiu a proposta da Rita de Almeida, da UFRGS, para que eu assumisse a editoria e que ela se disporia a colaborar. O Alberto Saa, da Unicamp, também se dispôs a colaborar, surgindo assim a proposta de um corpo editorial. Alguns anos depois tanto a Rita quanto o Alberto pediram para sair.”*

[*Silvio Salinas*]

Salinas explica que a professora Silvania Nascimento (UFMG), que era secretária de ensino da SBF e estava ligada à revista Ensaio, da Faculdade de Educação da UFMG, também contribuiu na editoria da revista:

*“ela ajudava muito, analisando alguns artigos da área de ensino. Nós comentávamos que não devíamos publicar “estudos de caso”, sem um trabalho de pesquisa consistente, sem conclusões objetivas. Depois, ela pediu para sair da RBEF”.*

[*Silvio Salinas*]

Assim, Silvio Salinas contou inicialmente com uma equipe editorial formada pelos professores: Rita de Almeida (UFRGS) e Alberto Saa (UNICAMP) da área de Física, e Silvania Nascimento (UFMG) da área de Ensino de Física. Com a saída desses professores, montou outra equipe editorial composta por Antônio Figueiredo (USP), Francisco Coutinho (USP), Nelson Studart (Ilum/CNPEM), todos da área de Física.

Em relação ao enfoque da revista, ele afirma que é o Ensino Superior:

*“porque tem uma revista específica para temas do nível médio, a Revista do Professor de Física [refere-se à Revista Física na Escola], que tem publicado matérias relevantes, que não estariam bem encaixadas na RBEF”.*

[*Silvio Salinas*]

Aspecto confirmado por Nelson Studart:

*“Como na época, era também Editor Associado da RBEF, pudemos, [Silvio] Salinas e eu, estabelecer uma separação mais nítida entre artigos a serem publicados na RBEF, portanto dirigidos ao público do Ensino Superior, e na Física na Escola, ao público de Ensino Médio”.*

[*Nelson Studart*]

Para além da etapa de escolha do editor, a condução da editoria implica em congregar grupos de trabalho, infraestrutura, financiamento e conquistar o reconhecimento acadêmico, seja por autores, como por leitores. Os grupos de assistentes do editor-chefe, os editores associados, refletem áreas da comunidade e projetos, um campo de disputa, em cuja ação mais evidente pode ser a criação e organização das seções que compõem a revista.

Os relatos permitem observar que o período de permanência de um editor variou entre 5 (Marco Antonio Moreira) e 12 anos (Silvio Salinas). As razões para a mudança na editoria da revista variaram desde o esgotamento do editor pelo longo período de trabalho (10 anos no caso do João Zanetic), interesse em um novo projeto de publicação (10 anos também no caso do Nelson Studart), discordâncias em relação aos objetivos da revista entre o editor e a SBF (marcando os 5 anos de Marco Antonio Moreira).

Os relatos das substituições desvelam diferentes motivos, mas nelas estão presentes o que poderíamos considerar como tensões e insatisfações, como quanto a políticas públicas para Educação e o papel do Ensino de Física, ou, ainda, internamente às expectativas do Conselho, da direção e da comunidade da SBF por novos enfoques, preocupações com a regularidade de publicações, ampliação do escopo da revista, foco nas duas diferentes áreas de interesse (Física e Ensino de Física).

Outro aspecto interessante é como os professores se tornam editores. Uns são indicados pelo editor anterior (como no caso de Silvio Dahmen), outro se dispõe a ser editor (como no caso de Nelson Studart), outro indicado pela SBF (como no caso de Marco Antonio Moreira), outro indicado pela comunidade de Ensino de Física (como no caso de João Zanetic).

É interessante observar que cinco editores da RBEF atuaram em cargos ou revistas da SBF. Assim, Moreira foi Secretário de Ensino (1973–74), Bagnato e Salinas faziam parte do corpo editorial da *Brazilian Journal of Physics*, Zanetic e Studart fizeram parte da vice-diretoria e/ou do Conselho da SBF, e Dahmen atuou ativamente na RBEF como parecerista e autor, contribuindo com traduções de artigos de Einstein para a edição especial *Annus Mirabilis* de 2005.

Todos assumiram a editoria com perspectivas de inovação e mudanças nos enfoques da revista:

- João Zanetic cria a Revista focado em construir um instrumento de discussão, reflexão e posicionamento perante a política educacional, ampliando os debates dos SNEF;
- Marco Antonio Moreira assume a editoria na perspectiva de torná-la uma revista relevante na América Latina;
- Vanderlei Bagnato tinha objetivo de direcionar a revista para o ensino médio e para a divulgação científica;
- Silvio Dahmen e sua equipe tentaram ampliar os trabalhos sobre a pesquisa em Ensino de Física na revista;

- Silvio Salinas teve o objetivo de focar a revista para o ensino superior;
- Na mesma direção, Nelson Studart privilegiou o ensino superior e a História da Física.

Os relatos mostram a necessária relação de confiança que se estabelece no grupo que assume o projeto de coordenar a edição da RBEF, tendo como pano de fundo laços acadêmicos ou o engajamento/expertise na área e junto a SBF, uma vez que a revista é uma das faces públicas da sociedade científica.

O reconhecimento acadêmico da RBEF assume relevância pois nos relatos analisados encontramos referências de que a escolha de editores ocupe a atenção da direção da SBF e de seu Conselho. A sucessão de editores expressa diferentes projetos e, veladamente, grupos de influência para a editoria da RBEF.

Os relatos revelam mais do que um projeto de realização pessoal, com a projeção do editor na comunidade acadêmica. Assumir a edição da revista é uma contribuição para além da sobrecarga de tarefas que professores e pesquisadores devem assumir em seus cargos de trabalho. Mais do que um projeto de poder pessoal, os encargos da editoria da RBEF expressam projetos de grupos que se articulam serenamente na proposição de inovações, aprimoramentos e mudanças, em busca de tornar a RBEF relevante para a sociedade, para a Educação e para a Física no Brasil.

Importante mencionar que desde julho de 2024, uma nova equipe editorial assumiu a direção da RBEF com o professor Marcello Ferreira (UnB) como editor-chefe [9] e, por iniciar sua gestão após os trabalhos desta pesquisa, não está entre os entrevistados.

Finalmente, é possível observar que nenhuma mulher foi convidada ou indicada para ser editora-chefe da revista, durante os 45 anos de existência da RBEF.

### 3.2. A Revista Brasileira de Ensino de Física (RBEF)

Nesta dimensão, apresentamos uma análise mais abrangente de alguns aspectos da Revista Brasileira de Ensino de Física, fundamentada tanto nas falas dos editores entrevistados quanto na análise direta da revista.

Iniciamos com uma descrição da presença da seção de ensino na Revista Brasileira de Física (RBF ou BJP), com base nos relatos dos editores. Prosseguimos destacando as falas relacionadas à criação e organização das seções que compõem a revista, com fragmentos que refletem as percepções dos editores e colaboradores sobre mudanças estruturais, o enfoque, as inovações e importância da revista.

#### 3.2.1. De uma seção de ensino da RBF para uma Revista de Ensino de Física

Antes da criação da RBEF, os artigos sobre Ensino de Física eram publicados em uma seção da Revista Brasileira de Física (hoje a *Brazilian Journal of Physics* – BJP). Essa revista foi publicada pela primeira vez em

1971 e até 1982 (volume 12, número 1) artigos sobre o Ensino de Física foram publicados. O número de artigos por edição era pequeno, variando de 1 a 3, com exceção do número 3, volume 9 de 1979, em que foram publicados 4 artigos sobre Ensino.

Percebe-se que houve uma coexistência entre essa seção de ensino na BJP e na REF. Com poucas exceções, tais artigos de Ensino estão em português na BJP. Interessante salientar que em 1976, volume 6, número 1 da BJP, foram publicadas todas as palestras do III Simpósio Nacional de Ensino de Física.

João Zanetic ressaltou que um aspecto diferencial da publicação da Revista de Ensino de Física foram as seções que discutiam política educacional, história e filosofia, temas que não apareciam na seção de ensino da Revista Brasileira de Física (BJP).

*“A Revista Brasileira de Física tinha também a sua seção de ensino, que era muito semelhante à seção materiais e métodos da RBEF de hoje ... [mas] política educacional, história e filosofia... esse material todo, divulgação, não aparecia nos artigos”.*

[João Zanetic]

Para Nelson Studart, no período anterior a sua fundação, a Revista Brasileira de Ensino de Física era uma seção da Revista Brasileira de Física e

*“porque antes era uma seção da Revista Brasileira de Física; assim dividiram a Revista Brasileira de Física e a Revista Brasileira de Ensino de Física”.*

[Nelson Studart]

Da mesma forma, Silvio Salinas afirmou que no início, antes da existência da RBEF, os artigos de Ensino eram publicados em uma seção de ensino da Revista Brasileira de Física, depois houve a divisão e o surgimento da REF (depois RBEF), corroborando o relato de Nelson Studart.

Após a separação, nos próximos vinte anos (1979–1999), tendo em vista as condições técnicas de produção, desde as máquinas datilográficas à impressão em off-set, o trabalho de edição era artesanal, e tendo em vista as condições de financiamento, a frequência de publicação não era mantida de maneira regular.

### 3.2.2. Criação, organização e exclusão de seções da revista

Nas narrativas dos editores e colaboradoras, evidencia-se as escolhas editoriais com a dinâmica de criação, organização e extinção de seções da revista.

Na editoria de João Zanetic desde o primeiro número a preocupação de discutir política foi uma característica, com uma seção denominada Política Educacional. João Zanetic destacou em vários momentos de sua fala a importância dessa seção, lamentando seu desaparecimento após seu período como editor:

*“Quando o Marco Antonio me sucede como editor da revista, desaparece uma seção muito importante que é a seção de política educacional... para mim, pessoalmente, era muito importante a seção de política educacional.”*

[João Zanetic]

Ele acreditava que essa seção deveria ter sido mantida, pois proporcionava um espaço crucial para discutir mudanças e desafios no sistema educacional brasileiro. João Zanetic argumentou que a ausência dessa seção foi um grande erro, considerando a sua importância para a Educação em Física. Salientou em sua narrativa que tal espaço, com ensaios e reflexões, teria relevância para debater temas mais abrangentes da organização educacional até mesmo na época atual, pois sua presença permitiria muito mais diálogos e debates sobre a reforma do Ensino Médio e as várias mudanças que vêm ocorrendo na Educação Básica, sendo bastante enfático em sua posição:

*“a ausência da seção de política educacional foi um crime praticado; é um crime ter tirado, naquele período, inclusive.”*

[João Zanetic]

João Zanetic ressaltou que a estrutura editorial evoluiu com o tempo, desvelando a importância da editoria na organização da RBEF. Inicialmente, ela continha sete seções: Editorial, Materiais e Métodos, Divulgação, Política educacional, Diversos, Correspondência e Notícias.

Vera Soares, da mesma época, destaca a procura pela abrangência de temas de interesse da comunidade de Ensino de Física, ao mencionar a seção Materiais e Métodos, com procedimentos de ensino e propostas de arranjos de materiais didáticos pois

*“a coisa dos materiais fazia parte dos nossos objetivos”*

[Vera Soares]

Posteriormente, em 1980, foram acrescentadas as seções Resenhas, Resumos e Referências, e em 1984<sup>8</sup> é introduzida a seção Pesquisa em Ensino de Física. Zanetic comenta como a comunidade participava, sugerindo acréscimos ou aprimoramentos na estrutura editorial, com avaliações nos encontros anuais temáticos da SBF (como SNEF e EPEF), ao afirmar que

*“A seção de Pesquisa em Ensino de Física também foi fruto de discussão que fazíamos em reunião anual... no início a revista tinha as várias seções”.*

[João Zanetic]

<sup>8</sup> É interessante destacar que o I EPEF (Encontro de Pesquisa em Ensino de Física) ocorre em 1986. O movimento de criação de uma seção de Pesquisa pode estar relacionado ao momento e movimento de consolidação de uma área de pesquisa que se sobressai e amplia seus horizontes para além do Ensino de Física.

Na próxima editoria, sobre as seções, encontramos um trecho do editorial de Marco A. Moreira que diz:

[...] os artigos que aparecem neste volume [v.11 de 1989] são, em sua grande maioria, referentes a Materiais e métodos, enquanto outras seções como, por exemplo, Pesquisa em ensino nem constam no índice [8].

Para Vanderlei Bagnato, a revista continua mais na comunidade universitária do que no pré-universitário e seria importante aprimorar sua estrutura até mesmo para motivar as pessoas, ampliando seu alcance para outros públicos pois,

“*nós estamos com uma demanda por algumas carreiras decaindo, inclusive de professor de Física, e precisa ter um resgate*”.

[Vanderlei Bagnato]

Por isso defende em seu depoimento que a RBEF deveria ser um veículo para o estudante também, além do professor, para

“*aprenderem e complementarem as disciplinas de Física que estudavam*”.

[Vanderlei Bagnato]

Por isso, enquanto editor, chegou a pensar que a revista deveria atender também o Segundo Grau [atual Ensino Médio],

“*trazendo formas alternativas de explicar os fenômenos, trazendo exemplos alternativos que iriam um pouco além dos livros textos*”.

[Vanderlei Bagnato]

Vanderlei Bagnato afirmou que

“*Se você olhar alguns números da revista, eu tentei fazer algo mais para o segundo grau. O Ensino Médio, naquela época, chamava-se segundo grau e tinha uma seção lá e a gente tentava colocar algumas coisas, etc*”.

[Vanderlei Bagnato]

Refere-se à seção Física e 2º grau que teve publicações de 1995 a 1999. Mas também outras seções expressam essa intenção editorial de ampliar o público e as temáticas, como “Computador e ensino”, “Problemas” e “Faça você mesmo” cuja existência está confinada ao período de 1994 a 1999, período da sua gestão.

Na editoria de Nelson Studart a seção Desenvolvimento de Materiais foi mantida, sendo criadas outras seções, como Produtos e Materiais Didáticos, que surge em 2004. Além de alterações em seções, Studart promoveu várias edições especiais, mencionadas na nota de rodapé<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> No período da sua editoria foram lançadas edições especiais ou artigos temáticos sobre: Magnetismo (2000); Informática no

Fernanda Ostermann, editora associada de Silvio Dahmen, relata que na sua época, houve uma reorganização de seções e incluindo áreas:

“[...] *explicitamos melhor o que era a seção de artigos gerais, em que não havia uma discussão tão explícita da área de Ensino. Criamos também uma seção para dar visibilidade para a produção dos Mestrados profissionais. Então, havia uma parte dedicada a recursos didáticos e, também, uma seção mais dedicada a inovações, intervenções didáticas e história da Física*”.

[Fernanda Ostermann]

Fernanda Ostermann advertiu que as publicações em Artigos Gerais da Revista muitas vezes se assemelham a boas notas de aula, fazendo uma reflexão crítica sobre a falta de uma cultura robusta na produção acadêmica em Ensino de Física no Brasil:

“*da minha experiência tanto na RBEF quanto no Caderno [Brasileiro de Ensino de Física], que é mais por essas pessoas não terem realmente uma cultura do que é uma produção acadêmica no Ensino de Física*”.

[Fernanda Ostermann]

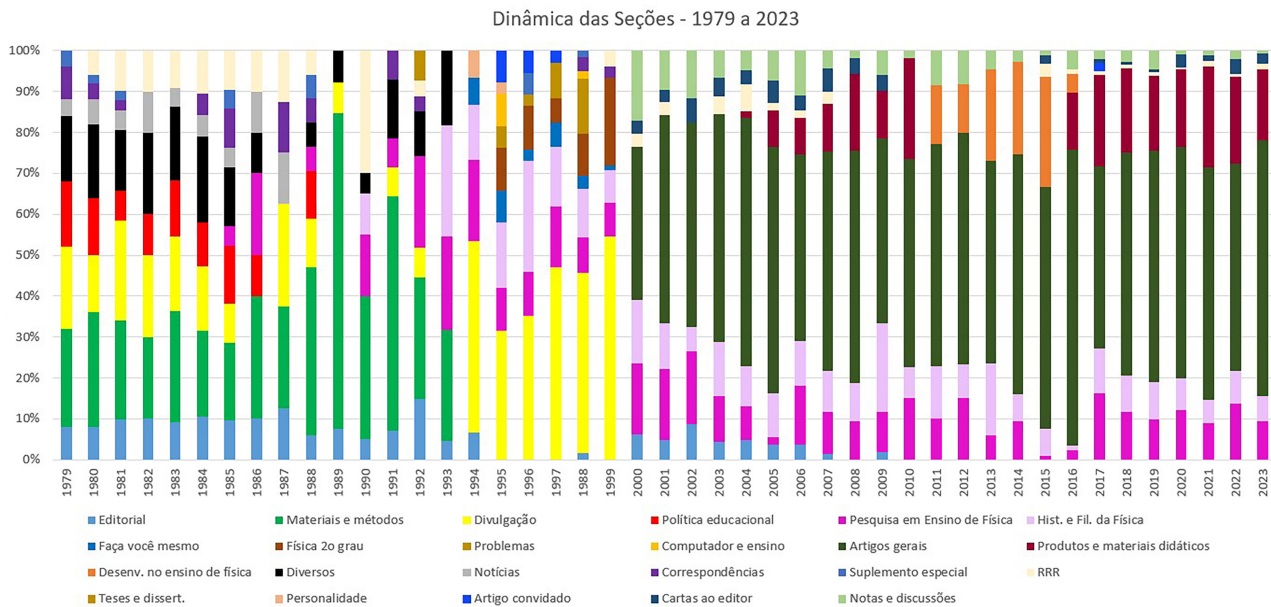
Para ela, mesmo produções sobre intervenções didáticas precisariam dialogar com referenciais teóricos, metodológicos e filosóficos da área de Ensino, ressaltando a necessidade de maior criatividade e rigor teórico-metodológico na produção acadêmica.

Em relação às publicações, Silvio Salinas relata que em seu período de editoria algumas tendências se cristalizaram na estrutura editorial da RBEF:

- a seção de Artigos Gerais recebe um número muito grande de artigos, voltados para o Ensino Superior na maioria dos casos; às vezes aparecem artigos voltados para o Ensino Médio;
- a seção de Materiais e Métodos também é voltada para o Ensino Superior, com um pouco de abertura para o Ensino Médio;
- a seção de História da Física, que é mais tradicional;
- a seção de Pesquisa em Ensino de Física, com menos publicações. Afirma que tem “*feito um esforço grande para publicar materiais de conteúdo*” nessa seção e destaca como autores pesquisadores da UFRGS, “*que colaboram muito com a Revista*”.

Afirmou também que os artigos voltados para o Ensino Médio deveriam ser originais, inovadores.

Ensino de Física (2002); Artigos de Einstein e Ensaio sobre sua obra (2005); Artigos de Revisão sobre Relatividade e Cosmologia (2005); Encontro: Reflexões no Ensino de Física, SBF/MEC (2006); Centenário da Morte de Ludwig Boltzmann (2006); Centenário da Morte de William Thomson (2007).



**Figura 1:** Evolução das publicações por seções da RBEF de 1979 a 2023. Fonte: Elaborado pelos autores.

Destaca que com menos frequência aparece alguma nota, “errata”, e afirma que “*Isso é ótimo!*”. Considera ainda que mais resenhas de livros deveriam aparecer na RBEF.

O movimento das mudanças das seções ao longo dos anos é ilustrado na Figura 1, construída a partir do levantamento das seções de cada número, no período de 1979 a 2023, indicando a frequência de artigos, que denotam a produção dos autores e sua aprovação para publicação.

Pelo gráfico da Figura 1 podemos observar que para os editores de 1979 a 1994 a “seção” Editorial (azul claro) é parte importante da revista, estando presente continuamente durante este período (de João Zanetic a Marco Antonio Moreira). Esta importância reaparece de 2000 a 2006, parte da gestão de Nelson Studart. A partir de 2010 esta seção desaparece completamente (gestões de Silvio Dhamen e Silvio Salinas).

A seção Materiais e Métodos (verde) está presente apenas no primeiro período da revista e correspondia aos trabalhos sobre propostas inovadoras de ensino e seus produtos (1979 a 1993), com espaço bastante relevante em 1989.

A Divulgação (amarelo) como seção está presente nos anos iniciais da revista e ganha presença significativa na gestão de Vanderlei Bagnato (1994 a 1999). Sob a editoria de João Zanetic, essa seção tinha como objetivo apresentar materiais para o professor utilizar em sala de aula, no formato de artigos de diferentes temas da Física, inclusive sobre história e filosofia da ciência. Na editoria do Marco A. Moreira, a seção Divulgação continua com seu papel de divulgar artigos históricos, mesmo com a criação da seção História e Filosofia da Física. E finalmente, na editoria de Vanderlei Bagnato, a seção

abarcava artigos da extinta seção Materiais e Métodos, passando a ter um caráter bem diversificado.

A Pesquisa em Ensino de Física (violeta) já está presente na edição de 1985 e de maneira constante a partir de 1990. De forma semelhante, a seção História e Filosofia da Física (rosa) está presente pela primeira vez em 1990 e a partir de 1992 está presente de forma contínua.

A seção Artigos Gerais (verde escuro) está presente a partir de 2000 e a sua presença, bastante significativa desde então, vai ocupando um espaço cada vez maior.

Pode-se observar que aproximadamente nos últimos 8 anos as seções da revista se mantêm estáveis, sendo estruturadas em Artigos Gerais (cerca de 50%), Produtos e materiais didáticos (cerca de 11%), Pesquisa em Ensino e História e Filosofia (cerca de 10% cada) e o restante (menos de 10%) em seções variadas.

### 3.2.3. Nos bastidores da Revista

Ao estudar as narrativas dos editores foi possível colher detalhes de como as coisas eram conduzidas na prática, situações como a datilografia dos originais em máquinas mecânicas nos primeiros tempos, as decisões de capas temáticas, a decisão sobre a padronização das capas, os procedimentos para a transformação da RBEF na sua atual versão digital até a publicação de artigos em fluxo contínuo. As entrevistas nos permitiram acessar alguns aspectos para desvelar como as coisas aconteciam nos bastidores da Revista, e ter em mente que cada época traz uma marca conforme as possibilidades tecnológicas disponíveis.

A RBEF enfrentou desafios técnicos em cada uma de suas etapas, começando no final da década de 1970 com

sua edição impressa no tamanho A5, parecendo um livro, passou para um formato impresso em A4 na década de 1990, em formato de revista e, atualmente, apresenta uma versão digital desde a década de 2000.

Nas suas memórias, Vera Soares vê João Zanetic como a pessoa central na confecção da revista nos primeiros tempos. O processo, muito artesanal, envolvia um grupo de professores e alguns estudantes, reunidos na sala do editor, conversando, trocando ideias, pensando no próximo número da REF. E aí concluía-se:

*“vamos fazer assim, é o que dá e vamos que vamos! Então era feita assim”.*

[Vera Soares]

Situação semelhante se dava com a pauta de uma revista ainda em nascimento. No início o grupo convidava pessoas para escrever artigos, sugerindo temas. Depois das primeiras edições, a revista passou a receber contribuições de artigos, por professores e pesquisadores. Por isso, nos primeiros números não eram dados pareceres. Na fala de Vera Soares a aprovação de artigos:

*“Era bastante informal, por um bom tempo, depois ela pode ter tido referee, mas não fiquei todo o tempo da revista com o João”.*

[Vera Soares]

Os primeiros números eram datilografados pela Cida<sup>10</sup>, secretária do Departamento de Física Experimental da USP, em seguida conseguiram apoio financeiro da CAPES e contrataram uma datilógrafa. Vera Soares lembra da Iracema, da Lia e da Isabel que ajudavam a colocar a REF no papel, com a produção dos originais.

Vera Soares relata que houve uma revolução com a chegada da máquina eletrônica da IBM que tinha uma fita corretora pois, até então,

*“se errasse na digitação tinha que voltar a máquina, passar aquela coisinha branca<sup>11</sup> e botar a palavra de novo. Então, tinha que ser muito boa datilógrafa. E a gente tinha que mandar [os textos] escritos à mão”.*

[Vera Soares]

No editorial de Marco Antonio Moreira encontramos outros aspectos de como estava a situação da revista:

A Revista está precisando de uma política editorial definida e de instruções claras aos autores. Na falta de ambas, optou-se por publicar os volumes 11 (1989) e 12 (1990) com os artigos já existentes tal como foram recebidos do Editor anterior, em termos de conteúdo e formato, desde que tivessem passado por uma revisão, às cegas, feitas por dois árbitros independentes [8].

<sup>10</sup> Não foi possível até a edição deste trabalho obter o nome completo de Cida, Iracema, Lia e Isabel. Pedimos desculpas.

<sup>11</sup> NT: Refere-se a um corretivo líquido ou fita conhecida como “branquinho”.

Ainda no seu editorial, Marco A. Moreira agradece às pessoas que contribuíram para a Revista:

Agradecimentos especiais também a Ana Neri Juliano Nunes, Maria Cecília do Amaral, Rosalene Meneguzzi de Oliveira e Wanda Aurelio Knebel, secretárias do Instituto de Física da UFRGS, pelo cuidadoso e paciente trabalho de datilografia [8].

Por outro lado, o editorial do segundo editor da revista, deixa transparecer a preocupação com a falta de regularidade da publicação, quando afirma:

A primeira tarefa a qual se propôs o novo Editor foi, simplesmente, a de dar continuidade à publicação da Revista sem pensar em mudanças. Muitos artigos estavam parados e muitos estavam em mãos de árbitros há bastante tempo. Foram necessários meses para colocar tudo isso em dia. O resultado está, em parte, neste volume. Alguns trabalhos antigos ainda aparecerão no próximo volume, o qual incluirá artigos recebidos já pelo novo Editor [8].

De acordo com Vanderlei Bagnato, na época que passou a ser editor, os recursos computacionais ainda eram limitados, fazia-se tudo por correspondência normal. Lembra que

*“eu tinha na minha sala uma mesa que eu dedicava à revista e, que horas que eu fazia isso: eu dedicava o sábado a fazer todas as correspondências”.*

[Vanderlei Bagnato]

Bagnato assumia todo o trabalho, nunca teve secretária, por isso necessitava pegar as correspondências, encaminhar para os revisores, coletar, fazer cópias<sup>12</sup> e montava tudo com o artigo.

No fluxo de trabalho como editor, Vanderlei Bagnato relata que fazia a primeira triagem dos artigos, depois enviava para o editor associado para escolher alguém que pudesse fazer a revisão.

E afirma seu compromisso com a RBEF e com os autores proponentes de artigos:

*“nós nunca denegamos nenhum trabalho! Essa é uma área importante, a gente deve aproveitar tudo o que as pessoas têm de bom para oferecer”.*

[Vanderlei Bagnato]

Vanderlei Bagnato também afirma que ficava irritado com a não regularidade da publicação, que chegava a até um ano sem publicar nada, e de repente, tudo o que era submetido aparecia em um número. E salienta,

<sup>12</sup> Nessa época já existia a copiadora xerox.

*“Para mim, não importava o volume, se era mais ou menos, mas tinha que ter regularidade, porque, se não, a pessoa sequer cria o hábito de olhar aquela publicação. Então, a gente colocou, se você olhar, colocou ela em dia, teve um atraso muito grande”.*

[Vanderlei Bagnato]

Com a digitalização da revista<sup>13</sup>, surgem outros problemas, como relata Nelson Studart sobre alguns obstáculos com a *SciELO*<sup>14</sup>, que por ser uma rede bibliotecária impõe várias regras para publicação. Assim, há questões que envolvem a originalidade do artigo, não sendo possível publicar uma tradução de um artigo de um grande físico, de um grande educador, porque só publica artigos originais e não pode publicar entrevistas, ao contrário do que ocorreu em época anterior, por exemplo, com a reprodução da entrevista com professor Mario Schenberg.

Silvio Dahmen aponta para outra questão da apresentação dos artigos que, apesar da qualidade, alguns eram mal redigidos. Assim em seu trabalho de editoria, intervia junto aos autores, sugerindo uma revisão do texto, para tornar o artigo mais instigante. Também relatou que insistiu que todos submetessem um título e resumo em inglês, para dar mais visibilidade aos artigos e, caso os autores tivessem dificuldade em fazê-lo, ele mesmo redigia o *abstract*.

Um aspecto curioso que Dahmen relatou – e que denota seu cuidado e atenção como editor com os proponentes de artigos – eram os artigos submetidos que tentavam refutar a Teoria da Relatividade de Einstein. Como tinha familiaridade com o tema, analisava o trabalho e respondia aos autores indicando os erros detectados. Para ele:

*“O fato de uma pessoa não ter um diploma em Física não é e nunca deverá ser argumento para que se rejeite um artigo. Por este motivo eu tinha o cuidado de ler os trabalhos e indicar para os autores os problemas que eu detectara, sugerindo que estudassem este ou aquele livro, ou um ponto mais específico da teoria. Os erros eram normalmente por falta de compreensão de algumas premissas básicas da teoria e de seu verdadeiro significado. Este também é nosso papel enquanto educadores: mostrar o caminho a seguir, caso a pessoa queira se aprofundar no assunto.”*

[Silvio Dahmen]

Destaca-se assim o viés formador dedicado por Dahmen, que provavelmente absorvia muito tempo de seu trabalho como editor.

<sup>13</sup> Ver discussão na seção Inovações.

<sup>14</sup> Abreviatura de *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), é uma biblioteca digital de livre acesso, que atualmente hospeda a RBEF.

Fernanda Ostermann mencionou aspectos que considerava preocupantes, como o alto índice de rejeição de artigos no processo de revisão por pares, pois em sua época

*“A qualidade desses artigos é algo que merece ser discutida, pois o nível de rejeição sempre foi muito alto, é coisa de 70%”.*

[Fernanda Ostermann]

“*Também resalto*” a falta de submissões de pesquisadores seniores da área, refletindo segundo ela a tensão entre as áreas de Física e Ensino de Física.

Na visão de Silvio Salinas, um grande desafio é a carga de trabalho, pois além de editor considera que acaba também assumindo o papel de secretário da revista

*“Tenho que olhar tudo o que chega, decidir e acompanhar todas as etapas da análise dos manuscritos. Tenho que ver se a publicação está correta antes de ir para a rede”.*

*“[...] Eu recebo artigos sobre os temas mais variados possíveis. Só vou mandar um artigo para um editor associado, se eu achar que tem um nível mínimo. Se ele não tiver um nível mínimo, é melhor recusar o artigo, porque aí é perda de tempo”.*

[Silvio Salinas]

Na fala de Silvio Salinas fica implícito que o problema da não regularidade ainda permanecia como um desafio quando assumiu a editoria, em 2013, ao dizer que

*“Achei que com a minha experiência como editor do Brazilian Journal of Physics eu colocaria a Revista em dia”.*

[Silvio Salinas]

Os relatos evidenciam que ser editor é um trabalho extremamente exaustivo, que demanda várias horas de trabalho e envolvimento constante.

Percebemos nos relatos que a regularidade da publicação exige organização dos editores e seus auxiliares, mas envolve autores, pareceristas, publicação e, principalmente, o financiamento, como veremos adiante.

### 3.2.4. Sobre o enfoque da RBEF

Nesta seção apresentamos as narrativas dos editores em relação ao enfoque da RBEF, ou seja, qual seria na sua visão a natureza dos artigos publicados na revista.

João Zanetic destacou a importância de retomar discussões sobre política educacional e elogia a continuidade da Revista e outras publicações semelhantes que contribuem para o ensino de Física no Brasil. E descreveu o perfil da Revista:

*“A Revista de ensino, ela tem coisa que mencionei, coisas que não tinha na seção de Ensino da Revista Brasileira de Física, [como]*

*política educacional, história e filosofia. Esse material todo [e a] divulgação, não aparecia nos artigos [da RBF, pois] quem publicava na seção de Ensino [RBF] eram colegas, os físicos, pessoal da pesquisa em Física e não da pesquisa em Ensino de Física, pelo menos é o que eu me lembro”.*

[João Zanetic]

Marco A. Moreira defendia uma revista voltada para a publicação de resultados da pesquisa em Ensino de Física, como pode ser percebido no relato de Nelson Studart:

*“observei que a Diretoria queria uma revista mais abrangente e regular que incluísse mais artigos de conteúdo de Física, inclusive voltados aos professores de Ensino Médio, e não uma revista de pesquisa em Ensino. O Moreira argumentava na época – isso eu soube por outras fontes, ele nunca me disse pessoalmente – o Moreira dizia que, para os professores do Ensino Médio, o Caderno Catarinense de Ensino de Física, atingia muito bem esse público”.*

[Nelson Studart]

Vanderlei Bagnato sugeriu a publicação de problemas comentados de ensino de Física, nas suas palavras:

*“Mas eu acho que poderia ser uma coisa interessante, colocar lá os problemas comentados de ensino de Física. Porque quando você dá solução, tem muita gente que fala assim: ‘ah, isso aí, ele na verdade boicota o raciocínio do estudante!’ Eu acho que não. Eu acho que se você ensinar como resolve, aí eu noto que é que com exemplos, às vezes, que o aluno entende mais do que simplesmente pegando aquela teoria formal para depois aplicar”.*

[Vanderlei Bagnato]

Sugeriu a abordagem de tópicos que são difíceis, normalmente mal colocados nos livros texto e nos sites e trazer isso para a Revista, como um veículo de apoio. Considera que precisamos de veículos que tornam os conteúdos ilustrados o suficiente, porque há uma competição com outras mídias, mas sem perder o foco de colocar o aluno em situações em que ele tenha que refletir, que ele tenha que entender o valor da disciplina.

Para Vanderlei Bagnato a Revista poderia induzir mais, convidar mais pessoas para escreverem sobre temas que são motivadores, que deveria ter uma mistura de tutorial, ensino e a parte mais pedagógica, numa dose correta para realmente ampliar a população alvo. Sugere a criação de uma seção de iniciação científica, porque tem muitos alunos que fazem trabalhos ótimos de iniciação científica, com

*“uma forma diferente de ver uma coisa que já está consagrada, mas que para os outros alunos é fantástico”.*

[Vanderlei Bagnato]

Nelson Studart defendia a existência de duas revistas sobre ensino,

*“a Revista Brasileira de Ensino de Física e outra revista, que eu chamei de A Física na Escola, que era destinada aos professores do Ensino Médio. Era uma revista de formação e de divulgação da Física junto ao público do Ensino Médio”.*

[Nelson Studart]

O professor propôs que a RBEF

*“seguisse a linha editorial do American Journal of Physics [publicando] artigos de maior abrangência sobre temas gerais de conteúdo de Física, história da Física e áreas afins, e da pesquisa em Ensino de Física”.*

[Nelson Studart]

Silvio Dahmen tinha como foco melhorar o nível da Revista:

*“Eu sempre olhava para cima, nunca para baixo e confesso que meu sonho era ajudar a transformar a RBEF em algo que se assemelhasse, em nível, ao American Journal of Physics”.*

[Silvio Dahmen]

E afirmou a importância da publicação de trabalhos advindos de pesquisa:

*“Não poucas vezes eu ficava impressionado com a qualidade dos artigos e isto me permitiu adquirir um amplo panorama de trabalhos de iniciação científica (IC) ou de mestrado e doutorado por todo o Brasil”.*

[Silvio Dahmen]

Analisando os conteúdos iniciais, Silvio Salinas salienta a abertura para diferentes tipos de artigos, chegando a considerar que

*“a vocação da revista não era muito clara, pois havia artigos muito superficiais, praticamente artigos de divulgação, mas também artigos de fôlego maior”.*

[Silvio Salinas]

Na opinião de Silvio Salinas,

*“há artigos que cabem muito bem na RBEF. Fazer um artigo sobre os livros didáticos em Física desde Capanema até 1971, passando pelo pessoal de Ensino, cabe muito bem na RBEF, não tem nem dúvida”.*

[Silvio Salinas]

Entretanto, ao relatar o caso de uma publicação na Revista, Silvio Salinas mostra que no seu entendimento o enfoque da Revista deveria abranger também descrições de disciplinas:

*“Tem até um amigo meu, um pouco mais velho, que teve um papel importante na Física teórica, aqui no IFUSP e em São Carlos, que me mandou um artigo e depois foi estimulado a publicar um texto maior, com o objetivo de preservar as reflexões sobre determinada disciplina. A Revista também tem que funcionar nesse sentido. Claro que são cursos um pouco mais avançados, não tem dúvida, e com textos que também poderiam ser escritos em inglês, aproveitando inclusive o armazenamento como ‘material suplementar’, que tem sido oferecido pelo SciELO”.*

[Silvio Salinas]

### 3.2.5. Inovações

No quesito inovações buscamos identificar aspectos que foram melhorados ou criados durante as diferentes editorias. As contribuições dependem muito da época em que o editor atuou, uma vez que a estrutura da revista foi mudando ao longo do tempo.

Assim, na editoria de João Zanetic a seção de Política Educacional foi considerada imprescindível e também a simbologia da capa exclusiva e relacionada ao conteúdo abordado naquele número. A inovação que caracterizou o período da primeira editoria foi a confecção de capas personalizadas para cada número publicado, objeto de discussão nas reuniões do Conselho Editorial. Zanetic relata com orgulho que

*“as capas também eram muito elogiadas, eu me lembro disso e isso para mim também é algo muito agradável, porque eu tinha aprendido de ter capas que se referem [a artigos ou assuntos da revista] ... aparece aqui [mostra aos entrevistadores uma revista] a do Mané [professor Manoel Robilotta], é o volume 3, número 3; dá para ver que nela tem um artigo que é referente a Lei de Gauss. É “Um pouco de luz na Lei de Gauss”.*

[João Zanetic]

No decorrer de sua gestão como editor, podemos citar como avanços ou mudanças, a introdução das seções “Pesquisa em Ensino de Física” e “Resumos, Referências e Resenhas” (que denomina em sua entrevista como RêRêRê).

Outra inovação foi a aquisição da, para a época, moderna máquina eletrônica da IBM com fita corretora, que ajudou bastante na montagem das edições da Revista<sup>15</sup>,

<sup>15</sup> Ver relato de Vera Soares na seção “Nos bastidores da Revista”.

com recursos como esferas que permitiam a troca dos tipos de letras e fita corretora.

Na editoria de Marco A. Moreira, observa-se que houve inovações na organização, como a intenção de distribuição mais balanceada de artigos voltados para o Ensino Médio e Ensino Superior:

No futuro, procurar-se-á manter um equilíbrio entre artigos voltados para o segundo grau e artigos dirigidos para o terceiro grau, mas, neste volume, esse equilíbrio talvez não tenha sido observado [8].

Bem como numa proposta de formatação dos textos:

No próximo volume, provavelmente, ainda ocorrerão algumas dessas distorções, mas, na medida em que o Corpo Editorial definir a política editorial e as normas para publicação, a Revista começará a atender aos interesses de toda a comunidade e a ter melhor apresentação [8].

No editorial de 1993, quando Marco A. Moreira despede-se da Revista, fica registrado que:

Durante este período, mudou-se o formato da revista, passou-se a publicar artigos também em espanhol e adotou-se bastante rigidez na revisão, às cegas, por dois ou três árbitros. Ao nome da revista acrescentou-se “Brasileira”, a fim de lhe dar mais identidade em nível internacional [10].

Vanderlei Bagnato relata a mudança na organização e no financiamento que para isso, no início, foram feitos ajustes na RBEF, com a aquisição de um ritmo de publicação, além de conseguir financiamento da CAPES e depois do CNPq. Na sua fala

*“[...] Mas depois nós adquirimos um ritmo. Aí conseguimos financiamento por parte da CAPES, eu acho, depois do CNPq. Depois virou um pacote de apoio à publicação.”*

[Vanderlei Bagnato]

Bagnato salienta que quem coordenava todos os recursos de publicação não era o editor, mas a própria SBF, com um apoio de secretariado “lá na SBF”.

Nelson Studart relata que contratou uma empresa gráfica para atuar na diagramação dos artigos, pois havia muitas incorreções. Foi nesse período que os artigos passaram a ter seções bem divididas, palavras-chave, *keywords*, título em inglês, *abstract*.

Em outra iniciativa, menciona que conseguiu recursos financeiros da FAPESP para digitalizar todo o acervo da RBEF<sup>16</sup>. Segundo ele, foi um trabalho enorme obter

<sup>16</sup> Embora, seja importante assinalar, que algumas partes como capas e editoriais não tenham sido digitalizados nesta iniciativa. Tais informações, que obtivemos diretamente nas edições impressas, serviram de base para este artigo e para o artigo de análise das capas, nesta edição comemorativa.

todos os números da revista, e agradece aos editores anteriores, os professores: João Zanetic e Marco Antonio Moreira pela ajuda. Como na época não havia repositórios, os textos foram colocados em um CD que foram distribuídos gratuitamente, que considerou mesmo assim “*uma boa contribuição*”.

Nelson Studart criou um Conselho Editorial, com nomes internacionais, com a ajuda do prof. Marco A. Moreira. Esse Conselho permanece o mesmo, desde 2000 e na sua opinião precisa ser revisto. Sobre a falta de atuação deste Conselho, ele assume a responsabilidade:

“*Porque eu não os consultei, eu achei que estava indo bem*”

[Nelson Studart]

Nelson Studart relata que sempre teve apoio dos diretores e presidentes da SBF, mas que gostaria de uma atuação mais proativa com as revistas, além do apoio financeiro.

Nelson Studart teve a iniciativa de incluir a Revista Brasileira de Ensino de Física na SciELO, que naquela época estava começando. Foi nessa época que ele foi comunicado que a revista foi incluída no repositório da *Web of Science*, o que aumentaria a sua visibilidade internacional. O professor aproveitou e enviou os artigos antigos digitalizados para a SciELO. A partir daí, a RBEF passou a receber muitos artigos de outros países, e segundo Nelson Studart o trabalho aumentou,

“*Olha, nós já tínhamos um revisor em português, já tinha muito trabalho. Eu revisava os abstracts, mas em vista de gente publicando de fora, por exemplo, italianos em inglês, era duro*”.

[Nelson Studart]

Na sua gestão, Silvio Dahmen afirmou ter conseguido ampliar as contribuições de países do exterior como da Itália, Alemanha, Espanha, França, Estados Unidos, Canadá, Emirados Árabes, Argélia e de vários colegas espalhados pela América Latina. Na sua opinião, pesquisadores estrangeiros tendem a valorizar mais o ensino, afirmando que

“*Isso se reflete, por exemplo, no fato que muitas das Universidades que conheci mais de perto premiam seus pesquisadores pela excelência no ensino*”.

[Silvio Dahmen]

Para facilitar o processo de submissão, avaliação e publicação Silvio Dahmen implantou um sistema online de submissões, o OJS<sup>17</sup> (*Open Journal Systems*), que

permitiu a centralização de todos os processos em um só local. Foi disponibilizado também um *template* da revista em LaTeX<sup>18</sup>, pois este era o padrão seguido, mas ainda recebiam contribuições no aplicativo Word.

Em seu relato Nelson Studart reconhece a Silvio Salinas a introdução da Revista ao *ScholarOne*, que consiste em um sistema de submissão de manuscritos atrelado ao sistema SciELO que facilitou o gerenciamento das submissões. A partir de 2020 a Revista passou para o regime de fluxo contínuo de publicação, outra realização da editoria de Silvio Salinas.

Com a demanda cada vez maior, as inovações miraram mais para a forma de produção e divulgação.

Outras inovações se referem à forma de seleção e aprovação dos artigos. No início da revista não havia a necessidade de pareceristas, pois além de poucos artigos, muitos eram de autores convidados. Já na gestão de Marco Antonio Moreira, os trabalhos publicados são avaliados por 2 ou 3 árbitros, às cegas, e acolhimento de pesquisas em língua espanhola de forma a atingir pesquisadores da América latina. Também, é em sua gestão que ocorre a mudança no nome da Revista de Ensino de Física com a inserção da palavra Brasileira – Revista Brasileira de Ensino de Física como é conhecida até hoje.

A ampliação do alcance territorial da revista foi, como já citado, uma das metas de Silvio Dahmen, abrindo espaço para outros países da Europa, Canadá, Estados Unidos, Emirados Árabes entre outros.

É importante ressaltar o aumento da visibilidade da RBEF decorrente de sua indexação em plataformas como a *SciELO* e *Web of Science* na gestão de Nelson Studart, além da facilidade de administração das publicações com a inserção ao *ScholarOne* e publicação em fluxo contínuo, na gestão de Silvio Salinas.

### 3.2.6. Importância da RBEF

As narrativas de cada editor apresentam relatos e opiniões que oferecem aspectos sobre a relevância da RBEF como iniciativa pública, espaço acadêmico para abrigar debates sobre políticas ou sobre a melhoria da formação de estudantes.

A REF, como era conhecida à época da primeira editoria, também serviu, na visão de João Zanetic, como plataforma para combater políticas educacionais controversas, como a Licenciatura Curta e a legislação conhecida como ‘Resolução 30’<sup>19</sup>

“*Nós lutamos muito contra a Licenciatura Curta... e a Revista foi um dos veículos, o primeiro veículo a combater.*”

[João Zanetic]

<sup>17</sup> Sigla para *Open Journal Systems* que consiste em um software livre para o gerenciamento de periódicos acadêmicos revisados por pares, criado pelo *Public Knowledge Project* e lançado sob a *GNU General Public License* [fonte Wikipedia].

<sup>18</sup> LaTeX sistema de processamento de texto, desenvolvido por Leslie Lamport (abreviação de Lamport Tex).

<sup>19</sup> Resolução 30/1974: Um professor poderia se graduar na Licenciatura Curta em três anos e se especializar em Física, Matemática, Química ou Biologia com mais um ano de graduação.

Este engajamento político e educacional deu à Revista uma relevância especial entre os educadores de Física no Brasil à época. João Zanetic realça o impacto duradouro da Revista e sua importância contínua:

*“Eu acredito que a Revista contribuiu também para a discussão geral da licenciatura... é pena que a Revista de Ensino de Física ficou restrita praticamente só aos associados da SBF”.*

[João Zanetic]

Em vista de tal importância, lamenta a ausência da seção Política Educacional na versão atual e destaca a necessidade de discussão contínua sobre temas educacionais relevantes.

A importância da revista pode ser destacada por um episódio de questionamento à continuidade da Revista. Quando em 1980, ainda como Revista de Ensino de Física, uma carta foi enviada ao Conselho da SBF solicitando que a Revista fosse descontinuada. O pedido foi enviado ao conselho da SBF. O prof. José Goldemberg, presidente da SBF na época, o informou sobre a carta, discutida em uma reunião do conselho. João Zanetic lembra:

*“Nós tivemos uma reunião do conselho da SBF... eu tenho essa carta guardada até hoje... está no Instituto de Física no meu arquivo. Os nomes todos estão lá”.*

[João Zanetic]

Neste contexto, João Zanetic recordou a defesa do prof. Mário Schenberg a RBEF, em apoio a continuidade da Revista. Cita a manifestação do professor Schenberg, na reunião do conselho da SBF, em que se dirigia a ele:

*“– Deixa de lado essa carta, isso aí é dor de cotovelo!... e o Goldemberg também concordou com isso”.*

[João Zanetic]

Relembrou que a maioria dos membros do Conselho, incluindo o prof. Leite Lopes, apoiou a continuidade da Revista, evidenciando o apoio para intelectuais de relevo da comunidade acadêmica de Física da SBF. Este apoio foi crucial para a manutenção da RBEF, que continuou a desempenhar um papel importante na divulgação e no Ensino da Física no Brasil. Zanetic inclusive mencionou o apoio financeiro da SBF, crucial para a época em que não havia outras fontes de financiamento.

No seu primeiro editorial, Marco A. Moreira mostra a importância da Revista e sua consolidação na primeira editoria:

Talvez a melhor maneira de se fazer justiça ao trabalho do Prof. Zanetic à frente da Revista, é dizer que ela sobreviveu e é, hoje, **um patrimônio de nossa comunidade de**

**professores e pesquisadores em Ensino de Física** graças a seus esforços como Editor nesses dez primeiros anos [8, grifo nosso].

Ainda no editorial, observa-se a importância da Revista na sua descrição:

A Revista de Ensino de Física é uma publicação da Sociedade Brasileira de Física voltada para a melhoria do ensino da Física, principalmente na universidade e no segundo grau, através da publicação de artigos sobre materiais e métodos instrucionais, desenvolvimento de currículo, pesquisa em ensino, história e filosofia da Física, política educacional e outros temas pertinentes, bem como da divulgação de notícias de interesse da comunidade envolvida no ensino da Física no Brasil [8].

Vanderlei Bagnato, que embora não se considere “especialista nas áreas pedagógicas”, destacou que essa área “é importante para o ensino de ciência”, e por isso defende iniciativas como a Revista, salientando que

*“devemos usar e ter veículos que permitam os estudantes realmente complementar sua formação”.*

[Vanderlei Bagnato]

Rememorando sua concepção de ter a revista como um veículo para realmente ensinar Física, afirmou que a revista é um veículo, como museus, que poderiam assistir à formação em Física fora do ambiente formal. Para ele deveríamos estar sempre usando de forma cada vez melhor, inclusive sugerindo que se deve encomendar artigos para explicar fenômenos atuais. Para ele, a RBEF tem que continuar como uma rota de apoio ao estudante.

Silvio Dahmen detalha o papel da RBEF na formação dos estudantes, das novas gerações e da valorização da Ciência

*“Não podemos prescindir de uma revista como a RBEF num ambiente de universidade, pelo seu escopo e qualidade. É importante que os alunos leiam a revista, que busquem ir um pouco além daquilo que nossos currículos prescrevem”, [pois são] “nossos alunos e alunas que darão continuidade ao nosso trabalho e cabe a nós garantirmos que sua formação seja a melhor possível, para que eles instruem as gerações futuras no caminho da ciência”.*

[Silvio Dahmen]

Destaca que, atualmente, tornou-se essencial mostrar a importância da ciência e a

*“RBEF contribuiu e continua contribuindo para que isto ocorra”.*

[Silvio Dahmen]

Do relato de Nelson Studart percebe-se que para ele a importância da RBEF se materializa em dois focos: a publicação de números especiais com assuntos que chamam a atenção da comunidade de Física e a publicação de artigos voltados para a História da Física, destacando que poderiam ser úteis para o ensino de Física:

*“Tive muito interesse em prestigiar a seção de História da Física (HF) no sentido da didatização da HF analisando trabalhos seminais que poderiam ser úteis nas respectivas disciplinas dos cursos de Física”.*

[Nelson Studart]

Fernanda Ostermann destaca, como elemento positivo da revista, a importância da estrutura organizada pela SBF, que proporciona um suporte crucial para a edição da RBEF.

*“O fato que existe uma estrutura por trás, que a Sociedade Brasileira de Física dá, para todo o processo de editoração, isso é muito bom.*

Além disso, ressalta que a Revista é

*“bastante profissionalizada, que é bem legal, está no SciELO, está na Web of Science”.*

[Fernanda Ostermann]

Porém, na opinião de Silvio Salinas, o importante papel da RBEF poderia ser explorado mais eficientemente:

*“A SBF não percebeu que tem esses produtos editoriais [refere-se à RBEF e à revista Física na Escola]. A Revista Brasileira de Ensino de Física é um produto muito interessante. A outra revista da área de Ensino, a Física na Escola, também é um ótimo produto, que poderia ser muito mais explorado. Mas isso é feito de maneira artesanal, dependendo dos interesses de cada um”.*

[Silvio Salinas]

Outro viés interessante das histórias relatadas pelos editores, são aspectos que tratam da importância da RBEF enquanto experiência pessoal dos editores.

Em um deles, Vanderlei Bagnato afirma que

*“[...] assim foi a minha passagem pela revista. Obviamente foi muito importante, porque eu tive oportunidade de ler coisas que não leria se não fosse o editor. E o meu gosto pelo Ensino de Física, pelo Ensino de Ciência, de um modo geral, só aumentou.”*

[Vanderlei Bagnato]

Nelson Studart considera sua atuação como exitosa, confirmada pela placa de serviços prestados a SBF como editor da RBEF com a qual foi agraciado. Termina dizendo que

*“Então o que eu prefiro mesmo, sinceramente, é trabalhar no que eu já vinha fazendo: editar números especiais. Saiu agora um número especial sobre complexidade na Física, no seu ensino. Eu acho que foi muito interessante, eu aprendi demais”.*

[Nelson Studart]

Silvio Dahmen ao lembrar do processo de atuar como editor, afirmou:

*“Fazendo um retrospecto, foi um período muito enriquecedor. Houve muitos aspectos positivos e alguns poucos negativos”.*

[Silvio Dahmen]

Especialmente em relação aos aspectos positivos, afirma que aprendeu muita Física, pois

*“a Revista me permitiu conhecer mais profundamente áreas as quais eu normalmente não me envolvia diretamente ou, em muitos casos, mostrar um aspecto diferente de coisas que eu já conhecia”. [...]*

*“Havia coisas de altíssima qualidade que precisavam ser lidas pela nossa comunidade e se possível por pesquisadores de outros países!”*

[Silvio Dahmen]

A publicação da área de Ensino de Física ainda na BJP indica que tais produções já eram uma demanda da comunidade acadêmica, no período anterior a criação da REF, em 1979. Isso evidencia o pertencimento de tal temática a preocupações de profissionais da área de conhecimento da Física. A criação da Revista de Ensino de Física, posteriormente RBEF, marca um contexto histórico de preocupação com os rumos da Física na Educação Básica, com redução de carga horária, proposição da chamada Licenciatura Curta, e o desejo de aproximação entre profissionais nos encontros temáticos de Ensino de Física (SNEF) para ampliar esses debates.

Nos primeiros tempos da RBEF, na editoria de João Zanetic, foram superadas as dificuldades iniciais, bem como criados espaços de legitimidade para os trabalhos que o sucederam. As editorias sucessivas marcaram seus tempos com esperanças e possibilidades.

Vários editores relatam que foi necessário trabalhar em fins de semana e, também, executando atividades que caberiam ao pessoal administrativo, como enviar e receber/devolver artigos e pareceres, quando não datilografar os originais para a gráfica como início da produção da revista. Há editor, como Dahmen, que se preocupou em ajudar autores de artigos a redigir, melhorando a linguagem escrita ou redigindo o *abstract* em inglês.

Cada equipe editorial trouxe sua percepção sobre o enfoque das publicações da RBEF trazendo sugestões como a abordagem de temas mais práticos e/ou formas diferentes de discutir problemas clássicos da área, variando de aplicações para o Ensino Superior, e em alguns

casos, para o Ensino Médio. Em outras perspectivas, foram sugeridas publicações de temas voltados para a pesquisa em Ensino de Física.

Foi possível observar que as inovações sempre dependeram do momento temporal da publicação da revista e o crescimento da demanda por publicações de trabalhos. As primeiras inovações concentram-se nas mudanças ocorridas no que diz respeito às tecnologias para a publicação da revista, como a chegada de uma máquina de escrever eletrônica que tornou a publicação mais eficiente.

Para o que denominamos *importância da RBEF* os relatos oferecem elementos interessantes e bastante característicos de cada editoria, uma vez que cada entrevistado considera aspectos relevantes a seu projeto de editoria, como o alcance social da reflexão crítica sobre políticas públicas, a ampliação do alcance da revista, o reconhecimento da própria SBF ao trabalho realizado, os aprimoramentos técnicos dos processos de editoria, os aspectos de formação de estudantes e até a formação pessoal com experiência da editoria.

Os relatos desvelam o envolvimento dos editores para produzir uma revista de alto nível, sugeridos em suas práticas de gestão da RBEF, bem como projetando expectativas pessoais de melhoria da publicação.

As narrativas evidenciam que ser editor é um trabalho exaustivo, que demanda várias horas de dedicação e envolvimento constante. De certa forma, ser editor é administrar aspectos corriqueiros como o dia-a-dia da publicação, mas também grandes problemas, como sua viabilidade financeira, interesses conflitantes de diferentes grupos acadêmicos e, naturalmente, momentos de tensões.

### 3.3. Desafios e perspectivas para o futuro

Os professores que ocuparam o cargo de editor-chefe da RBEF, juntamente com as editoras associadas, relataram diferentes desafios, dos quais apresentamos uma síntese de acordo com suas principais características: técnicas, financeiras, tensões etc. Apresentamos também sugestões dos editores que tiveram como foco a editoria da revista e o processo de avaliação dos artigos. Em um de nossos questionamentos, durante as entrevistas, perguntávamos o que consideravam para aprimorar a RBEF, uma provocação para desafiar a imaginação de quem ocupou o espaço de decisão da editoria.

#### 3.3.1. Tensão entre as áreas

Foi possível perceber nas narrativas a existência de concordâncias e parcerias, mas também de momentos de tensão quanto aos rumos da RBEF entre pesquisadores que atuam nas áreas de Ensino de Física e Física. Neste tópico de análise vamos colocar em relevo a questão da tensão.

Fernanda Ostermann ao comentar mudanças sugeridas à época de sua editoria, aborda desafios emblemáticos enfrentados pela RBEF, dentre eles a tensão entre pesquisadores em Ensino de Física e pesquisadores em Física Básica, para ela

*“há sempre essa tensão, ninguém pode negar, entre a Física e o Ensino de Física.”*

[Fernanda Ostermann]

É interessante notar que o binômio concordância-tensão está presente desde o início da Revista na relação de forças em torno da RBEF. É emblemático o episódio de 1980, quando João Zanetic enfrentou a situação delicada ao receber um abaixo-assinado de oito ou nove colegas do Instituto de Física (USP), que solicitava a descontinuidade da revista<sup>20</sup>, mas que recebeu apoio das áreas (de Física e Ensino de Física) para sua continuidade.

Embora as concordâncias existam, as tensões podem ser percebidas em momentos de ruptura como algumas mudanças de editorias da revista ao longo do tempo.

Fernanda Ostermann analisa que tais tensões podem ter originado um distanciamento dos pesquisadores da área de Ensino da Revista

*“Há um momento, assim, de um certo distanciamento da comunidade de Ensino de Física naquele momento, não sei exatamente o que aconteceu. Mas eu acho que é emblemática essa passagem, de uma pessoa, de um editor chefe que era da área de Ensino, que indiscutivelmente é alguém que é um precursor nessa área no Brasil, que fundou tantas coisas como a ABRAPEC, enfim buscou sempre consolidar uma área de Ensino”.*

[Fernanda Ostermann]

A passagem a que se refere a professora diz respeito à saída de Marco Antonio Moreira da editoria e a entrada de Vanderlei Bagnato. Ao que tudo indica, essa transição foi repleta de tensões, que talvez explique a negativa do professor Marco Antonio Moreira em nos conceder uma entrevista sobre a revista. Nelson Studart, que era membro do Conselho da SBF nesse período, afirma em sua entrevista que na época havia preocupações com a frequência de publicação das edições da RBEF. Apesar de as justificativas indicarem uma escassez de submissões em função do foco da revista ser a Pesquisa no Ensino de Física e de haver outra revista com foco mais amplo, a diretoria, desejava uma revista mais atuante, com um escopo maior, incluindo pesquisas com foco em professores do Ensino Médio. Isso levou à

<sup>20</sup> Como já relatado na categoria “Os bastidores” deste artigo, o pedido foi enviado ao conselho da SBF. Prof. José Goldemberg, presidente da SBF na época, colocou em debate o assunto na reunião do Conselho da SBF, levando a um encaminhamento pela continuidade da Revista.

indicação de um novo editor, Vanderlei Bagnato, da USP de São Carlos, com um perfil bastante diferente. Nelson Studart destaca que, com a saída de Marco Antonio Moreira, houve um recuo significativo na participação da comunidade de Pesquisa em Ensino na revista.

Por sua vez, Vanderlei Bagnato percebeu, nos dois primeiros anos como editor-chefe da RBEF, que a comunidade de Ensino de Física o deixou um pouco de lado. Tentou uma aproximação para voltar a ter a comunidade de Ensino mais próxima da revista, afirmando

*“que tinha encontro de Ensino de Física e eu nunca fui convidado como editor para explicar como era a revista”. [Para ele], “as comunidades não têm o overlap necessário”.*

[Vanderlei Bagnato]

Em certo momento, Vanderlei Bagnato diz que, na sua opinião, foi a não regularidade das publicações da RBEF que causou um desconforto entre a comunidade de Ensino de Física e a comunidade de Física, o fato de não haver regra, ou em suas palavras “*saía quando saía*”.

No seu último editorial, Marco A. Moreira destacou a visão da SBF sobre a RBEF:

Contudo, houve também a insistente crítica, de parte da Diretoria e do Conselho da Sociedade Brasileira de Física, de que a “Revista de Ensino” não atendia os interesses dos professores do segundo grau. A esta crítica respondia-se com o argumento de que a Revista sempre foi de amplo espectro, voltada para a melhoria do ensino de Física, em todos os níveis de escolarização e que, certamente, em cada, volume, havia artigos de interesse dos professores do segundo grau [10].

Nos relatos de Nelson Studart também aparecem menções à tensão entre as áreas de Física e Ensino de Física, pois soube que havia muita resistência, que se traduzia em pouca participação dos pesquisadores em Ensino de Física nas publicações. Embora reconheça que ele mesmo tinha pouco envolvimento com a área, teve a preocupação de atrair a comunidade de Ensino para a revista. Assim, convidou o Marco Antônio Moreira para publicar um artigo sobre perspectivas do Ensino de Física no país [11]. Também convidou vários pesquisadores da área para atuar como pareceristas: Maurício Pietrocola (USP), Luís Carlos Menezes (USP), Ernesto Hamburger (USP), Suzana de Souza Barros (UFRJ), Anna Maria Pessoa de Carvalho (USP).

Os relatos analisados permitem perceber que o quadro de tensões e concordâncias existente nas relações das áreas de Física e Ensino de Física, seja nas instituições de ensino ou na sociedade acadêmica, faz parte do cenário de trabalho da editoria que influencia o dia a dia da RBEF em todos seus tempos de existência.

### 3.3.2. Dificuldade de financiamento

A dificuldade de financiamento, aspecto importante para a manutenção da RBEF, permeou a fala de vários editores, desde a sua criação.

De acordo com João Zanetic, apesar da aprovação, a revista enfrentou dificuldades financeiras significativas ao longo de sua existência, sendo sustentada pela SBF e posteriormente recebendo apoio da CAPES e do CNPq:

*“Nós tivemos em todos esses 10 anos problemas de financiamento”.*

[João Zanetic]

A RBEF publicou dois números em seu primeiro ano e conseguiu manter uma periodicidade trimestral nos dois anos seguintes, mas depois, lutou para garantir financiamento, conseguindo lançar apenas 10 números nos sete anos seguintes.

João Zanetic ressaltou o período pelo qual passava o Brasil na época da criação da revista e relacionou a falta de financiamento a uma possível censura em função da revista atuar de forma crítica a algumas políticas educacionais da época:

*“não sei se havia uma censura, por nós termos editoriais que criticavam determinadas ações nefastas do período ditatorial”.*

[João Zanetic]

Segundo João Zanetic, a ditadura militar vigente no Brasil na época criou um ambiente difícil para publicações que abordavam temas críticos.

Passando para o segundo período da revista, no primeiro editorial de Marco Antonio Moreira lê-se

A Revista está, então, em fase de transição. Além disso, as dificuldades, principalmente financeiras, continuam [8].

E no último, ele agradece

aos órgãos financeiros que apoiaram a publicação da Revista: Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) [...], e CAPES – Subprograma Educação para Ciência – PADCT [...] [10].

Na fala de Vanderlei Bagnato fica claro que ele teve que buscar financiamento junto às agências nacionais (CAPES e CNPq), além da dificuldade financeira inicial:

*“[...] Isto devido a falta de material constante e a falta de financiamento regular. [...] Mas teve época que cada editor tinha que mandar o seu pedido para ter o apoio à publicação que era feita numa gráfica, que tinha todo um custo.”*

[Vanderlei Bagnato]

Nelson Studart diz que, segundo sua experiência, não havia apoio para nada, nem financeiro, nem institucional, faltava divulgação, tudo ficava por conta do editor. Em sua fala menciona as várias iniciativas, bem-sucedidas, para conseguir financiamento junto à CAPES, CNPq e MCT. Interessante observar que para conseguir auxílio do CNPq, a RBEF deveria publicar trabalhos originais de Pesquisa em Ensino de Física. Assim, o professor teve que mostrar que

*“tinha uma Seção [de pesquisa]. Então aí sim ... eu tive que trabalhar junto aos membros da Comissão para explicar que aquela “seçãozinha”, lá dentro, ainda claudicante, com poucos artigos, publicava artigos originais de pesquisa em Ensino de Física.”*

[Nelson Studart]

Silvio Dahmen relata que o processo de edição da RBEF foi bastante trabalhoso, envolvendo busca por financiamento junto à CAPES e CNPq, o que implicava na tarefa de prestação de contas. A opção pelo sistema OJS, iniciativa de sua editoria, talvez tenha diminuído a pressão de custos de publicação, amenizando essa urgência.

Na opinião de Silvio Salinas uma tensão que surge é o necessário apoio financeiro da própria SBF:

*“Outro ruído que vai aparecer é o dinheiro, quer dizer, eu não sei até que ponto o caixa da SBF vai pagar isso tudo”.*

[Silvio Salinas]

De acordo com o professor, a RBEF em sua editoria expandiu muito e talvez não caiba “*nos limites de uma sociedade científica*”, pelas quantidades. Em 2020 foram publicados 179 artigos, sendo a taxa de aceitação tem flutuado em torno de 40% e recebendo-se em média um novo manuscrito por dia

*“Começa então a ficar complicado lidar com tantas novas submissões. O que nós vamos fazer?”*

[Silvio Salinas]

Salientou que a RBEF merecia uma estrutura profissional exclusivamente dedicada a ela, tal sua importância como publicação.

Uma possível solução seria ceder à pressão de alguns pesquisadores de Física para que os artigos sejam todos em inglês, pois abre para a possibilidade de colocar a revista na *Springer*, que passaria a dar lucro. Silvio Salinas entende que

*“Essa é uma decisão que tem que ser tomada pela SBF”*

[Silvio Salinas].

### 3.3.3. Sobre a editoria

Alguns editores se pronunciaram sobre ideias para as próximas editorias da revista.

Para Vanderlei Bagnato a troca de editores é importante para a RBEF

*“eu não acho que o editor tem que ser vitalício, tem que haver uma troca”.*

[Vanderlei Bagnato]

Para isso sugere a atuação de um conjunto de editores, com pessoas que gostam de ensinar a disciplina, que se dedicam ao tópico de ensinamento e metodologia, do grupo de ensino.

Ao se posicionar sobre a possibilidade de voltar a ser editor-chefe, Nelson Studart afirma

*“eu deixaria para as pessoas mais jovens, porque é muito trabalho”.*

[Nelson Studart]

O número de submissões é muito alto, como editor associado, ele analisa os artigos ligados ao Ensino, e diz que são muitos, e toma tempo para analisar e encontrar um árbitro.

Fernanda Ostermann sugere que a editoração da revista deveria ser liderada por alguém da área de Pesquisa em Ensino de Física, com uma equipe colaborativa

*“Se a revista é para continuar brasileira de Ensino de Física, que o editor seja do Ensino de Física, e que ele possa montar uma equipe, muito amiga dele, muito parceira, trabalhadora, com suas expertises para cada seção”.*

[Fernanda Ostermann]

Silvio Salinas afirmou que “*Em resumo, acho que já cumpri a minha fase*”, e que o corpo editorial<sup>21</sup> que apesar de ajudar muito, também está cansado, o professor diz que

*“precisamos incorporar um pessoal mais jovem, precisamos descobrir o pessoal mais jovem”.*

[Silvio Salinas]

Pensa em montar um “corpo editorial estendido” no estilo do *American Journal of Physics*, assim, cada editor associado deveria fazer algumas revisões por semestre. Na atual situação, os editores associados apenas encaminham os artigos para pareceristas. Em sua opinião:

*“Acho que eu tenho que ter um corpo de editores associados bem maior para apontar pareceristas, para garimpar pareceristas. Mas nesse corpo editorial maior tem que ter gente da geração mais jovem”.*

[Silvio Salinas]

<sup>21</sup> Composto pelos professores Antônio Figueiredo (IF/USP), Francisco Coutinho (FM/USP), Nelson Studart (IluM/CNPEM).

Dentre as sugestões para as futuras composições da editoria da RBEF, observa-se a insistência em equipes compostas por pessoas mais jovens, bem como, pessoas com uma formação mais diversificada para cobrir os temas dos artigos submetidos à revista.

### 3.3.4. Pareceristas, autores e arbitragem

Outro importante desafio mencionado pelos editores diz respeito à relação entre pareceristas, autores e editores. Os pareceristas desempenham um papel fundamental para manter o funcionamento e a qualidade de uma revista. Nos relatos há reconhecimento ao papel dos pareceristas, mas também queixas.

No seu editorial, Marco A. Moreira menciona

Finalmente, cabe destacar o grande apoio recebido pelo novo Editor de parte de professores e pesquisadores que serviram de revisores (vide relação nas últimas páginas). Sem um bom corpo de árbitros, a tarefa de editor numa revista é praticamente impossível [8].

Vanderlei Bagnato lembra que sempre teve problema com o tempo de pareceristas que, às vezes, demoravam para enviar o parecer, ou até não enviavam, e os autores enviavam cartas reclamando.

Silvio Dahmen mencionou a grande recusa dos pareceristas indicados em contribuir com as revisões. Ele assumia que este fato ocorria devido em parte à falta de compreensão da relevância da RBEF. De acordo com o professor, quando a Revista foi indexada na *Web of Science*, isto mudou. Entretanto, pondera que:

*“havia um núcleo de pessoas sempre dispostas a revisar artigos e a contribuição delas foi importantíssima para que conseguíssemos publicar a Revista”.*

[*Silvio Dahmen*]

Silvio Salinas alfineta os entrevistadores (todos da área de Ensino de Física) de maneira bem humorada, ao salientar a demora dos pesquisadores da área de Ensino para responder às solicitações de pareceres, pois, na contrapartida, os pesquisadores em Física são mais ágeis para responder. E provoca:

*“Isso é comum na área?”*

[*Silvio Salinas*]

Nelson Studart, como editor associado atual, afirma que tem buscado pareceristas com caráter internacional, também na tentativa de divulgar a revista.

Se os pareceristas são fonte de preocupação dos editores, os autores também ocupam parte de seus desafios. Nos relatos, apenas dois editores tratam da difícil tarefa de lidar com autores de artigos rejeitados.

Para Silvio Dahmen, em relação aos poucos aspectos negativos, o maior deles foi lidar com egos. Às vezes

recebia artigos que haviam sido rejeitados por outros periódicos, outros que não se enquadravam no escopo da Revista. A rejeição gerava reclamações dos autores. Mas para ele

*“Enquanto editor eu tinha que seguir certas regras para garantir que a revista não se tornasse um depósito de artigos rejeitados. Felizmente este tipo de atitude vinha de uma minoria”.*

[*Silvio Dahmen*]

Silvio Dahmen lembra da dificuldade de adaptação com o sistema OJS por parte de alguns autores e pareceristas, que não gostaram quando a RBEF passou a receber as submissões online. Os autores reclamavam dizendo que era complicado criar uma conta, definir senha e submeter o manuscrito online. Assim, as submissões por correio convencional continuaram mesmo após a implantação do sistema OJS.

Por sua vez, Silvio Salinas relata o trabalho extra que surge quando autores reclamam ao terem um artigo rejeitado, pois tem que analisar cada caso para responder às demandas.

Neste contexto, Fernanda Ostermann destacou a necessidade de um processo de avaliação mais transparente e simétrico

*“Hoje há um movimento que eu acho superinteressante, importantíssimo, a open science, open access, inclusive vai na direção de fazer realmente o que a revista já faz há muito tempo”.*

[*Fernanda Ostermann*]

Ela critica a prática de avaliação às cegas apenas para os autores, propondo um modelo de ciência aberta.

*“Os árbitros sabem quem são os autores, eles estão em vantagem, mas os autores não sabem quem são os árbitros ... isso tem que ser resolvido”.*

[*Fernanda Ostermann*]

A relação entre pareceristas, autores e editores da RBEF mostra momentos de gratidão pelo apoio recebido, como também momentos de tensão quando os artigos são rejeitados. Uma possível solução para suavizar essas tensões seria a adoção de critérios mais claros para a avaliação de artigos.

Os principais desafios enfrentados pelos editores estão de um lado relacionados aos financiamentos e outro à comunidade científica participante da SBF e interessados na área de Ensino de Física.

O relato de desafios por parte dos editores, evidenciam que além das tensões com as áreas, os editores lidam com problemas como a regularidade da publicação, que parece ser um tema consequência dos vários desafios, talvez uma síntese relacionando-se a os outros desafios,

com pareceristas, autores, o sistema de edição e o financiamento.

Embora a SBF tenha grande contribuição na produção da revista, para a sua maior visibilidade por meio da ampliação da divulgação, almejado pelos editores, foram e são necessários apoios de instituições como a CAPES, CNPq, FAPESP e FAPERG.

O outro desafio está na baixa participação dos pesquisadores, dificultando e atrasando as publicações, seja pela demora na devolução da avaliação ou pela negação em participar como parecerista.

Há tarefas trabalhosas como lidar com a rejeição de artigos, pois neste caso a reclamação é resolvida pelo editor, o que nem sempre é facilmente aceito pelos autores.

Olhar a RBEF a partir da experiência privilegiada de ter atuado na sua editoria oferece uma situação levemente desconfortável aos entrevistados. Entretanto a expectativa de que seria possível implementar possibilidades interessantes, desperta sua imaginação quanto a muitos problemas mencionados na dimensão referente aos desafios.

#### 4. Algumas Considerações

Ao longo de seus 45 anos de existência, a Revista Brasileira de Ensino de Física (RBEF) tem se estabelecido como um pilar fundamental na disseminação de conhecimento e na promoção de debates significativos na área de Ensino de Física no Brasil. As entrevistas realizadas com os diversos editores da RBEF revelam um panorama rico e diversificado de contribuições, desafios, inovações e projetos que marcaram a trajetória da revista.

A Revista de Ensino de Física, como era chamada na década inicial de sua existência, destacou-se por suas seções diversificadas, incluindo editoriais, materiais e métodos, divulgação, política educacional, correspondência e notícias, além de seções adicionadas posteriormente como resenhas, resumos e referências, e pesquisa em Ensino de Física. Durante a ditadura militar, a revista assumiu um papel crítico contra políticas educacionais desfavoráveis, como a Licenciatura Curta, enfrentou censura e até resistência por parte de alguns colegas.

A revista teve um papel importante na formação de programas de pós-graduação em ensino de ciências e foi usada por professores tanto da educação básica, quanto superior. Desde sua criação, a RBEF tem desempenhado importante papel na formação e atualização de professores de Física.

Iniciativas como a criação de seções específicas, a inclusão da revista em plataformas como a *SciELO* e a *Web of Science*, e a adoção de sistemas modernos de submissão e revisão de artigos são exemplos de inovações que ampliaram o alcance e a visibilidade da Revista.

Alguns editores destacaram a importância de se manter um equilíbrio entre artigos voltados para o Ensino Médio e Superior, além da importância de valorizar as

pesquisas em Ensino de Física, uma vez que esta é a área em que a revista é financiada. Alguns editores ressaltam a natureza diversa da revista, valorizando tanto pesquisas acadêmicas mais robustas quanto materiais didáticos e metodológicos práticos.

No entanto, há críticas a algumas produções que, segundo alguns, se assemelham mais a notas de aula do que a pesquisa. Também há preocupações como com a extinta seção Política Educacional, por exemplo, uma das primeiras a ser criada, que proporcionou um espaço crucial para discussões sobre mudanças e desafios no sistema educacional brasileiro.

É interessante destacar que cada editor enfatiza aspectos distintos sobre o que considera ser o melhor caminho para a revista, refletindo suas perspectivas e prioridades. Zanetic ressalta o importante papel das políticas educacionais, evidenciando a necessidade dos debates e diretrizes contemporâneas estarem evidenciados na revista. Bagnato, por sua vez, se preocupa mais com a formação de estudantes, inclusive os da educação básica, destacando a importância de artigos para esse público. Já Ostermann demonstra uma preocupação central com a qualidade dos trabalhos publicados, sublinhando a relevância de manter elevados padrões acadêmicos e científicos para garantir a credibilidade e o impacto da RBEF na área de Ensino de Física. Studart, por sua vez, relembra que o financiamento da revista está diretamente relacionado à sua principal área de atuação, a Pesquisa em Ensino de Física. Para ele, esse aspecto deveria ser continuamente reforçado, destacando a necessidade de valorizar e expandir o papel da revista como um espaço central para a divulgação de estudos que contribuam para o desenvolvimento da área. Essa perspectiva ressalta a importância de alinhar os objetivos editoriais às demandas e ao suporte financeiro que sustentam a RBEF.

Outro aspecto que vale ressaltar é o desejo de três editores em equiparar a RBEF ao *American Journal of Physics* (AJP), em função do alto nível dos artigos publicados e diversidade da equipe editorial. Esse periódico publica artigos voltados a professores e estudantes do Ensino Superior com aprofundamento em conteúdos de Física, na sua maioria, contemplando discussões de pesquisas em Ensino de Física, bem como a apresentação de materiais pedagógicos.

É importante destacar que a RBEF também enfrentou e continua a enfrentar vários desafios. Tensões e (veladamente) concordâncias entre as áreas de pesquisa em Ensino de Física e pesquisa em Física são temas recorrentes. Principalmente as tensões chegam a impactar a percepção e a participação dos pesquisadores na Revista.

Dificuldades financeiras e a necessidade de regularidade nas publicações foram mencionadas por vários editores como obstáculos significativos.

Outro desafio constante é a obtenção de pareceristas qualificados e comprometidos. A qualidade dos artigos depende diretamente do trabalho dos revisores, e a

demora ou a recusa em revisar artigos pode comprometer a eficiência do processo editorial.

Os editores apontam várias perspectivas para o futuro da RBEF. A importância de manter a revista como um veículo de apoio tanto para estudantes quanto para professores foi enfatizada. Para eles a RBEF deve continuar a ser um espaço de integração entre ensino e pesquisa, valorizando tanto a produção acadêmica quanto a aplicação prática na sala de aula.

A maioria dos editores deixou claro que a colaboração entre pesquisadores de diferentes áreas e a promoção de debates inclusivos e críticos são essenciais para o fortalecimento contínuo da revista.

As entrevistas com os editores e colaboradoras da RBEF proporcionaram um olhar sobre fatos históricos da publicação, decisões e valores editoriais de cada gestão, bem como a importância e os desafios de se conduzir uma revista acadêmica em um campo tão dinâmico quanto o Ensino de Física.

A pesquisa permite-nos ressaltar que a RBEF tem grande potencial para ser um espaço de encontro para a comunidade interessada no Ensino de Física e sua pesquisa, sejam quais forem as áreas de conhecimento de origem do esforço coletivo que a mantém. Sua história e contribuições refletem parte da trajetória do Ensino de Física no país e apontam para um futuro desafiador, em que se espera que a revista seja uma referência para os diferentes perfis de leitores e pesquisadores da área.

A dedicação e o esforço pessoal de cada editor, nem sempre reconhecidos, são testemunhos de seu compromisso com o Ensino de Física e com a disseminação do conhecimento científico.

## Agradecimentos

Como tributo de reconhecimento ao trabalho dos entrevistados em prol da Revista Brasileira de Ensino de Física (RBEF) e da memória da revista, neste número especial de 45 anos, tomamos a liberdade acadêmica de incluir nos apêndices deste artigo (como material suplementar) a síntese de cada entrevista, documentos revisados pelos entrevistados que serviram de base para esse estudo.

Agradecemos a generosa e desafiadora oportunidade de entrevistá-los.

Obrigado aos professores e professoras:

João Zanetic – entrevista realizada em 29/09/2021.

Vera Soares – entrevista realizada em 21/06/2021.

Vanderlei Bagnato – entrevista realizada em 06/10/2021.

Nelson Studart – entrevista realizada em 02/06/2021.

Silvio Dahmen – entrevista realizada em 30/06/2021.

Fernanda Ostermann – entrevista realizada em 15/06/2021.

Silvio Salinas – entrevista realizada em 11/08/2021.

## Material suplementar

O seguinte material suplementar está disponível online:  
Suplemento 1 – João Zanetic – Primeiro Editor da RBEF de 1979–1988.

Suplemento 2 – Vera Soares – da Equipe de Edição – 1979 a 1987.

Suplemento 3 – Vanderlei Salvador Bagnato – Editor de 1994–1999.

Suplemento 4 – Silvio Dahmen – Editor de 2009–2012.

Suplemento 5 – Fernanda Ostermann – Editora Associada de 2010–2012.

Suplemento 6 – Nelson Studart – Editor de 2000–2009.

Suplemento 7 – Silvio Salinas – Editor de 2013–2024.

## Referências

- [1] R. Santhiago e V.B. Magalhães, *História oral na sala de aula* (Autêntica, Belo Horizonte, 2015).
- [2] J.C.S.B. Meihy, *Manual de história oral* (Loyola, São Paulo, 1998).
- [3] J.C.S.B. Meihy e F. Holanda, *História oral: como fazer, como pensar* (Contexto, São Paulo, 2007).
- [4] L.R. Brioschi e M.H.B. Trigo, *Ciência e Cultura* **39**, 636 (1987).
- [5] L.A.N. Delgado, *História oral: memória, tempo, identidades* (Autêntica, Belo Horizonte, 2010).
- [6] L. Bardin, *Análise de conteúdo* (Edições, São Paulo, 2016).
- [7] V. Soares, *Rev. Ens. Fís.* **49**, 1 (1979).
- [8] M.A. Moreira, *Rev. Bras. Ens. Fís.* **11**, 1 (1989).
- [9] S. Salinas e M. Ferreira, *Rev. Bras. Ens. Fís.* **47**, e20240460 (2025).
- [10] M.A. Moreira, *Rev. Bras. Ens. Fís.* **15**, 1 (1993).
- [11] M.A. Moreira, *Rev. Bras. Ens. Fís.* **22**, 94 (2000).